

EUROPA 2021

Um Relatório Missiológico



Jim Memory

Europa 2021

Um Relatório Missiológico

Jim Memory

Copyright © 2021 Jim Memory

Todos os direitos reservados

Traduzido por Fernando Heise

Revisto por Jónatas Pires, Cláudia Monteiro e Inês Castillo

Combinando uma análise fascinante e oportuna das tendências sociais, económicas e políticas, com uma reflexão missiológica perspicaz e prospetiva, este relatório deveria ser uma leitura essencial para todos aqueles que, em qualquer parte do mundo, se preocupam com a missão no continente europeu. Bem documentado a partir de fontes seculares e conhecimentos teológicos, este é o tipo de recurso que é cada vez mais necessário para uma interação cristã inteligente no nosso mundo que muda de forma alarmante.

Dr. Chris Wright, Embaixador Global e Diretor do Ministério na Langham Partnership

Jim Memory ofereceu à igreja europeia um grande presente, o dom da síntese. O seu trabalho servirá como um guião para futuros compromissos missionais.

Dr. Raphael Anzenberger, Diretor da imagoDei

O relatório missiológico de Jim Memory começa por fornecer uma excelente visão geral e espiritual do que os cristãos enfrentam na Europa, tendo em conta a pandemia de Covid-19, antes de passar às tendências da missão europeia e às implicações para a missão na Europa. Este documento deve ser de leitura obrigatória para todos aqueles interessados em missões na Europa.

Rev. Dr. Frank Hinkelmann, Presidente da Aliança Evangélica Europeia

Esta é uma ferramenta oportuna e relevante para todos os líderes cristãos que têm um coração voltado para a Europa. Estou convencido de que será uma grande bênção dentro do corpo de Cristo. Vem num momento estratégico para a igreja pós-Covid-19, visto que temos que repensar o caminho para cumprir a nossa missão dada por Deus na Europa atual.

Daniel Costanza, Diretor Executivo da Pentecostal European Fellowship

Os missionários, estrangeiros e nativos, vão considerar este relatório muito útil para compreender o cenário europeu com o propósito de contextualizar a sua missão.

Rev. Israel Oluwole Olofinjana, Diretor da One People Commission, da Aliança Evangélica do Reino Unido

O relatório missiológico de Jim Memory sobre a Europa é um dos mais relevantes raios-X feito nos últimos anos. Oremos para que muitas discussões e ações fluam desta pesquisa à medida que nos tornamos “descendentes de Issacar” para a nossa geração, em benefício do Evangelho.

Dr. Alexandru Vlasin, Professor Associado da Faculdade Teológica Baptista da Universidade de Bucareste

No “Europa 2021: Um Relatório Missiológico”, Jim Memory captou alguns dos maiores desafios da nossa era, não só para a Europa, mas para todos os países influenciados pelo Ocidente. O relatório cobre muito território de forma condensada, mas não é, de maneira alguma, reducionista. Recomendo vivamente que todos os interessados em alcançar o mundo industrializado invistam tempo na leitura, reflexão e conversa sobre este relatório com colegas. Ao fazê-lo, peçam sabedoria a Deus e estejam dispostos a mover-se com o Espírito Santo de forma inovadora. Isso trará uma grande recompensa.

Dr. Jay Matenga, Diretor do Departamento de Testemunhas da Aliança Evangélica Mundial

Jim tem muitos anos de experiência de ensino sobre missões na Europa e de ministério prático. Ele é simplesmente a melhor pessoa para formular este relatório minucioso e perspicaz sobre a Europa. É uma leitura obrigatória para qualquer líder apaixonado pela Europa.

Evi Rodemann, CEO da LeadNow e.V

Perspicaz, minucioso, relevante e sucinto! Este relatório é uma dádiva para o nosso continente, e um dever de leitura para qualquer líder que queira ter um panorama da missão na Europa de hoje.

Sarah Breuel, Diretora da IFES Revive Europe

Recomendo vivamente este relatório missiológico envolvente e perspicaz. Jim Memory oferece uma visão panorâmica fascinante do nosso contexto europeu que é, ao mesmo tempo, desafiador e animador.

Dr. Lars Dahle, Professor Associado da Universidade NLA e Presidente do Lausanne Europe 20/21

A leitura deste relatório teve um efeito inesperado em mim. Senti esperança e senti fé. A investigação muito profunda e os comentários perspicazes ao longo do relatório inspiraram-me em vez de me sobrecarregarem. A escala da tarefa a enfrentar é enorme, sem dúvida. No entanto, ao ler o relatório, senti-me mais consciente, mais informado e mais em contacto com a realidade das necessidades. Ao mesmo tempo, houve uma espécie de 'faísca' de fé na minha alma. Senti um desejo, um novo estímulo para a oração e para a ação e uma visão dos propósitos futuros de Deus. Incentivarei todos os líderes que puder lerem este relatório, a orarem e dedicarem toda a sua energia à tarefa de trazer o Evangelho novamente, em poder, ao continente europeu.

Mike Betts, Fundador da Relational Mission

Uma visão panorâmica útil e impressionante que irá catalisar muitas discussões importantes. As implicações da Covid-19 são uma grande característica. Merece uma ampla distribuição entre igrejas, organizações e seminários.

Jeff Fountain, Diretor do Schuman Centre for European Studies

Como educador teológico australiano, tenho andado à caça precisamente deste tipo de relato missiológico sobre o contexto europeu para o qual agora sou chamado. Resistindo a um comentário espiritualizado unidimensional sobre a Europa pós-cristã, Jim aborda holisticamente as principais tendências políticas, económicas, sociais, ambientais e tecnológicas com nuances louváveis. E com cada aspeto, somos magistralmente guiados para as implicações missionárias, fazendo profeticamente as perguntas difíceis que devemos enfrentar no nosso tempo e lugar em particular.

Dr. Dave Benson, Diretor de Cultura e Discipulado no London Institute for Contemporary Christianity

Que privilégio, nestes tempos especiais, receber uma “janela aberta com uma visão clara” do nosso contexto europeu. Não é um estudo demasiado complexo que só os especialistas podem ler e compreender, mas um relatório perfeitamente acessível e relevante sobre o que se passa na Europa e o que significa para os trabalhadores da área. As observações de vários ângulos ajudam-nos realmente a evitar uma interpretação monocultural do nosso contexto atual. “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap. 2:29).

Christian Kuhn, Diretor da Aliança Evangélica Suíça

O relatório de Jim, “Europa 2021”, é uma valiosa visão geral dos desafios e oportunidades que a igreja em missão enfrenta hoje na Europa. O relatório oferece várias sugestões sobre como as igrejas podem responder missiologicamente com humildade e esperança.

Dr. Paul Bendor-Samuel MBE, Diretor Executivo do Centro de Estudos Missionários de Oxford

Este relatório, bem pesquisado, é como uma bússola que nos ajuda a navegar numa mudança necessária de direção. Tenho sido instruído, encorajado e desafiado pelas suas descobertas. Recomendo vivamente.

Rev. Jon Burns BEM, Presidente e CEO da Greater Europe Mission

Com este documento tão oportuno e sucinto, Jim partilha connosco o fruto do seu estudo sobre o continente europeu. Este texto é tão rico em detalhes, que deve ser lido e relido; os numerosos gráficos acrescentam informações, e as mais de 150 notas de rodapé conduzem o leitor interessado a uma riqueza de fontes adicionais para aprofundar.

Hannes Wiesmann, Diretor da Área Europeia na Wycliffe Global Alliance

Jim Memory tem feito um grande serviço a todos os envolvidos na mudança da face da missão na Europa. Ele aborda uma ampla gama de questões e transforma o que poderiam ser estatísticas secas e confusas num relatório significativo, informativo e desafiador. Oro para que o Senhor use isto para nos informar e animar a todos enquanto procuramos alcançar a Europa com a Boa Nova de Jesus.

Simon Marshall, Diretor Internacional da ECM International

ÍNDICE

<u>Prefácio</u>	7
<u>Introdução</u>	8
<u>1. A Europa de hoje: o contexto geral</u>	10
<u>1.1 Tendências políticas</u>	10
<u>1.2 Tendências económicas</u>	12
<u>1.3 Tendências sociais</u>	14
<u>1.4 Tendências ambientais</u>	19
<u>1.5 Tendências tecnológicas</u>	21
<u>2. A Europa de hoje: o contexto espiritual</u>	24
<u>2.1 A secularização e a dessecularização</u>	24
<u>2.2 Islão</u>	26
<u>2.3 Reevangelização</u>	27
<u>2.3.1 Igrejas da diáspora</u>	28
<u>2.3.2 Movimentos de plantação de igrejas</u>	30
<u>2.3.3 A próxima geração</u>	31
<u>3. Tendências na missão</u>	33
<u>3.1 O quê? Missão redefinida</u>	33
<u>3.2 Onde e quem? Missão relocizada</u>	35
<u>3.3 Como? Missão redistribuída</u>	36
<u>3.4 Porquê? Missão reorientada</u>	38
<u>4. Implicações para a missão na Europa</u>	40
<u>4.1 Implicações do contexto político</u>	40
<u>4.2 Implicações do contexto económico</u>	41
<u>4.3 Implicações do contexto social</u>	41
<u>4.4 Implicações do contexto ambiental</u>	42
<u>4.5 Implicações do contexto tecnológico</u>	43
<u>4.6 Implicações da secularização e da dessecularização</u>	43
<u>4.7 Implicações da expansão do Islão</u>	44
<u>4.8 Implicações da reevangelização: igrejas da diáspora</u>	44
<u>4.9 Implicações da reevangelização: movimentos de plantação de igrejas</u>	45
<u>4.10 Implicações da reevangelização: a próxima geração</u>	46
<u>4.11 Implicações da missão redefinida</u>	46
<u>4.12 Implicações da missão relocizada</u>	46
<u>4.13 Implicações da missão redistribuída</u>	47
<u>4.14 Implicações da missão reorientada</u>	48
<u>4.15 Conclusão geral</u>	48

PREFÁCIO

Antes de iniciarmos os nossos estudos teológicos e missiológicos na All Nations Christian College em 1991, eu e a minha esposa, Christine, participámos numa viagem missionária de três meses nas Filipinas. Estávamos apaixonados pela plantação de igrejas e queríamos perceber se este era o lugar para servirmos a Deus na fronteira da missão. Entretanto, ao regressar ao Reino Unido, estávamos cada vez mais convencidos de que a frente mais desafiadora para a missão era bem aqui na Europa. Enquanto nas Filipinas vimos a igreja a desbravar novos caminhos, estabelecer novas comunidades cristãs e servir os pobres, na Europa parecia que a igreja estava em retirada. No final, esta conclusão levou-nos a dedicar os últimos trinta anos da nossa vida à missão na Europa. Juntámo-nos à Missão Cristã Europeia (ECM), e entre 1994 e 2008 fizemos parte da equipa de plantação de igrejas desta organização, em Espanha. Envolvemo-nos na liderança da ECM International e na formação e investigação missionária no Redcliffe College.

A Europa é um contexto dinâmico e tremendamente diversificado para a missão cristã. Qualquer perspetiva sobre o que está a acontecer na Europa é suscetível de suscitar a resposta, “bem, não é assim que as coisas são aqui”. Entretanto, como tenho pesquisado e refletido, viajado e ouvido amigos e colegas de todo o continente, certas questões cruciais vêm sempre ao de cima. Aqueles que fizeram os cursos da Missão Europeia no Redcliffe College ou leram um exemplar da *Vista*, a revista que eu coeditei, estarão familiarizados com alguns dos temas que exploro nestas páginas.

Este relatório foi originalmente preparado como parte de uma revisão estratégica para a ECM. Reescrevi-o em grande medida para o tornar acessível a um público mais vasto. Também tenho beneficiado imensamente das críticas de outras pessoas e quero registar a minha dívida de gratidão para com elas: Kent Anderson, Raphaël Anzenberger, Eddie Arthur, Paul Bendor-Samuel, Dave Benson, Mike Betts, René e Sarah Breuel, Thomas Bucher, Jon Burns, Daniel Costanza, Lars Dahle, Chris Ducker, Colin Edwards, Joel Forster, Jeff Fountain, David Goodhew, Christian Kuhn, Frank Hinkelmann, Harvey Kwiyani, Jaume Llenas, Johan Lukasse, Simon Marshall, Jay Matenga, Kosta Milkov, Israel Olofinjana, Martin Robinson, Evi Rodemann, Peter Rowan, Andrew Symes, Daniel Trusiewicz, Evert van de Poll, Alex Vlasin, Hannes Wiesmann e Chris Wright.

Finalmente, por estes anos em missão juntos, uma imensa gratidão é devida à minha esposa Christine pelo seu alento, paciência, amor e, nesta ocasião, pelo trabalho de revisão de texto.

Jim Memory
25 de junho de 2021

INTRODUÇÃO

Qualquer análise da Europa deve começar com definições. Talvez a maneira mais fácil de o fazer seja esclarecer o que não quero dizer. Quando falo da Europa, não estou a falar da União Europeia. Também não estou a falar dos Estados-Membros que formam a manta de retalhos dos países nos nossos mapas europeus. É verdade que, embora reconhecamos imediatamente o contorno do continente, se olharmos para a Europa a partir do espaço, torna-se imediatamente claro que não há nenhuma característica geográfica incontestável que a separe do resto da grande massa terrestre da Eurásia. Então, o que é a Europa?

A história do conceito de Europa é fascinante, mas isso não é o foco maior deste relatório. Sugiro que a definição mais útil da Europa é uma definição sociológica. Sem o seu povo, a Europa não existiria, uma vez que é a história, cultura, línguas e ideias partilhadas pelo seu povo que mais fortemente distingue a Europa de outras partes do mundo.

Um dos nossos passatempos europeus favoritos é comparar o nosso próprio país ou região com o dos nossos vizinhos. “Ah, mas somos tão diferentes deles”, dizemos nós. E é parcialmente verdade. Esta incrível diversidade significa que mesmo as cidades vizinhas podem ter diferenças culturais significativas. Entretanto, ao mesmo tempo, existem vários pontos comuns culturais em todo o continente. Basta perguntar a um africano ou a um latino, e eles vão dizer que os europeus partilham mais semelhanças do que diferenças.

Entre estas semelhanças gerais na Europa e as culturas únicas e locais de cada cidade, temos semelhanças culturais de nível médio que diferenciam a Europa Oriental da Europa Ocidental, e os países que fazem fronteira com o Mar Mediterrâneo da Escandinávia. A história e, especialmente, a história religiosa europeia, moldou estas culturas na medida em que os rótulos “protestante”, “católico” e “ortodoxo” são frequentemente utilizados como indicadores de certas regiões europeias.

Quando se trata de olhar para a Europa como um todo, temos de ter estas coisas em consideração. Temos de procurar os grandes problemas com os quais todas as culturas europeias estão a lutar, mas também temos de procurar as diferenças de uma região para outra, de um país para outro e de uma localidade para outra.

Este relatório procura identificar as questões e tendências cruciais que estão a moldar o contexto da missão cristã na Europa em 2021. Só posso dizer que conheço verdadeiramente dois contextos europeus: o Reino Unido e a Espanha. Estes países são suficientemente diferentes, sendo representativos até certo ponto da Europa Protestante do Norte e da Europa Católica do Sul. No entanto, o meu conhecimento e compreensão da Europa Central e Oriental é mais limitado. Por esta razão, pedi a amigos de outras partes da Europa que me ajudassem, fazendo uma crítica a este relatório. Felizmente, eles afirmaram a relevância de grande parte da análise também para essas zonas da Europa.

O relatório tem quatro capítulos principais:

- O Capítulo 1 analisa o contexto geral da missão na Europa de hoje. Ele fornece uma análise das principais tendências políticas, económicas, sociais, ambientais e tecnológicas.
- O Capítulo 2 foca-se no contexto religioso ou espiritual. Contém uma descrição das tendências da secularização e da dessecularização, do crescimento do Islão, mas também de três realidades que estão a contribuir para a reevangelização da Europa: as igrejas da diáspora, os movimentos de plantação de igrejas e a Próxima Geração.
- O Capítulo 3 explora quatro mudanças fundamentais no pensamento missionário que estão a influenciar a prática da missão cristã hoje. Resumi-os como: missão redefinida, missão deslocada, missão redistribuída e missão reorientada.

No entanto, qualquer avaliação da nossa situação contemporânea que não considere o impacto da Covid-19 vai ser inadequada. A Covid-19 é, provavelmente, a experiência partilhada mais significativa na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Assim, ao longo dos três capítulos, no final da minha análise de um determinado assunto, discutirei também como a pandemia poderá ter influenciado as tendências. Embora isso possa desatualizar o relatório, na maioria dos casos o impacto da Covid-19 acentuou ou acelerou tendências anteriormente existentes.

- No Capítulo 4, expus algumas das implicações que cada uma destas tendências tem para aqueles que estão envolvidos em missões na Europa. Claro que, como referi anteriormente, as implicações podem ser diferentes para a Europa de Leste ou para países mediterrâneos, por exemplo. Como costume dizer, “ninguém vive realmente na Europa”. Todos nós vivemos numa situação local, com o seu contexto único. Portanto, cada um terá que pensar sobre as implicações deste relatório para si mesmo, para a sua situação, igreja ou organização.

Finalmente, gostaria de animar o leitor verdadeiramente a usar este relatório como base para uma discussão sobre como poderia responder a esta realidade europeia dinâmica, e também como tema para as suas orações. Muitas das questões destas páginas parecem ser imensas. Podemos ser tentados a pensar que tudo o que fazemos é apenas uma gota no oceano. No entanto, quando oramos, clamamos ao Senhor que reina, do qual o salmista diz:

As montanhas derretem-se como cera, na presença do SENHOR que domina toda a terra.
Salmo 97:5

Todas as citações das Escrituras são BPT , salvo indicação em contrário.

A Europa de hoje: contexto geral

1.1 Tendências políticas

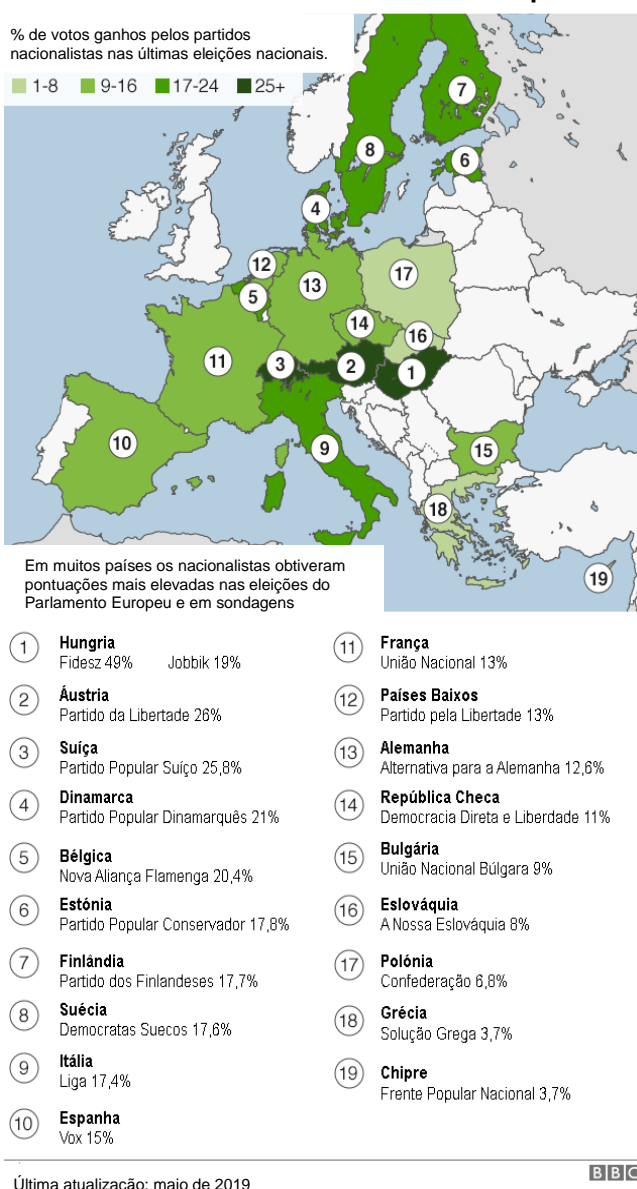
Durante os últimos quinze anos, o contexto político na Europa transformou-se totalmente. Em 2008, o projeto da União Europeia estava “a todo o vapor”. O Tratado de Lisboa tinha acabado de ser assinado com o objetivo de pôr fim às disputas acaloradas sobre a Constituição Europeia. Dez Estados da Europa Central e Oriental (Bulgária, República Checa, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, Roménia, Eslováquia e Eslovénia), juntamente com Chipre e Malta, tinham ganho recentemente a adesão à União, e as conversações para incluir a Croácia estavam bem avançadas. Em breve a UE teria 28 membros. A resposta a praticamente todos os desafios enfrentados pelos Estados-membros foi “Mais Europa”, ou seja, mais integração económica e política, mais unificação das instituições e mais alargamento territorial.

Sob a superfície, porém, o euro-otimismo já estava em declínio, substituído por um euroceticismo evidenciado pelo fracasso em 2005 dos referendos sobre a constituição em França e nos Países Baixos. E à medida que os cidadãos dos novos estados-membros tiravam partido do princípio da livre circulação, um número sem precedentes de pessoas deslocava-se de leste para oeste, de modo que em março de 2016, 6,3 milhões de europeus de leste residiam noutros estados da UE.

O nacionalismo, o próprio fenómeno que as estruturas europeias do pós-guerra tentaram erradicar, é uma vez mais uma realidade em muitos países europeus, um fenómeno complexo mas detetável em todo o espectro político, da esquerda para a direita. Em algumas partes da Europa, os nacionalistas são partidos xenófobos de extrema-direita (Áustria, Dinamarca, Suécia, Itália, Espanha), enquanto noutras, especialmente na Europa de Leste, os políticos que eram comunistas na era soviética são agora nacionalistas (Roménia, Grécia, Hungria, Bulgária). Depois há movimentos nacionalistas que apelam a uma maior autonomia nacional ou regional, alguns dos quais defendem a total independência (Catalunha, Escócia). Finalmente, há o nacionalismo mais subtil dos Estados ostensivamente democráticos cujo poder se concentra no centro, em detrimento de outras regiões do mesmo país.

Figura 1

Aumento do nacionalismo na Europa



Fundamentalmente, o nacionalismo assenta na oposição entre aqueles que se consideram pertencentes à nação e aqueles que essas mesmas pessoas consideram ser alheios a ela. Isto permite aos nacionalistas justificar os seus programas políticos em defesa do “nós” contra “outros”, sejam eles migrantes, ciganos, regiões dentro de um Estado que exigem maior autonomia ou independência, ou o próprio governo do Estado que é visto como opressivo. Mesmo que consideremos apenas os votos inquiridos pelos nacionalistas de direita na Europa, ilustrados na Figura 1, vemos que se trata de um fenómeno generalizado.¹

O Brexit é uma questão que tem dominado completamente o debate político no Reino Unido nos últimos seis anos e, até certo ponto, também a conversa europeia em geral. No entanto, o Brexit é, em muitos aspetos, um sintoma de um fenómeno separado mas relacionado com o nacionalismo: o populismo. Se o nacionalismo é uma oposição horizontal entre aqueles que são vistos como pertencentes a uma nação e aqueles que são vistos como não pertencentes, o populismo é uma oposição vertical entre “o povo”, seja qual for a sua definição, e “elites” que são vistas a oprimi-las. Estas elites podem ser verdadeiras elites políticas dentro da sua nação, mas também corporações globais sem rosto ou eurocratas não eleitos em Bruxelas. E o Reino Unido não está sozinho na tentativa de recuperar parte da sua soberania da UE. Na Europa Central e Oriental há certos países que tentaram resistir à agenda social liberal e progressista da UE, onde esta colide com os valores nacionais tradicionais, ou onde a UE tentou convencer um Estado a acolher refugiados contra a vontade do seu governo.

É impossível falar sobre o contexto político da Europa sem mencionar a Rússia. A ocupação do sudeste da Ucrânia pelas tropas russas em 2014 já quase não aparece nas notícias, e desde então muitas antigas repúblicas soviéticas e algumas outras têm visto os seus vizinhos russos com maior desconfiança. A Suécia reintroduziu o serviço nacional, aumentou o financiamento para as forças armadas e muitos suecos estão a defender a adesão à NATO.² O que por vezes é esquecido é que o alargamento da UE e da NATO para Leste nos últimos vinte anos faz parte do problema. O que é visto no Ocidente como a extensão da democracia e a proteção da liberdade é interpretado na Rússia como uma intrusão nos seus interesses e como um processo pelo qual estacionamos os nossos tanques à sua porta. A Guerra Fria terminou há trinta anos, mas as relações entre a Rússia e o Ocidente continuam frias apesar do facto de muitos países da UE dependerem do fornecimento de gás russo.

Finalmente, mais a Leste, há o desafio crescente da China. O objetivo económico e estratégico de Pequim é ultrapassar os Estados Unidos como a maior economia do mundo. Os países europeus já estão fortemente endividados com a China e dependem do investimento chinês para os seus projetos de infraestruturas.³ Isto ajuda a explicar a timidez de muitos países europeus na denúncia de violações dos direitos humanos no Tibete ou contra os Uighurs. A influência da China sobre a vida dos europeus continuará a crescer nas décadas vindouras. Como disse recentemente a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen: “São aqueles que fazem as leis do mundo que moldam o futuro das suas sociedades... Ninguém quer que a China nos faça isto.”⁴

¹ BBC News, Rise of Nationalism in Europe, 13/11/2019, <https://www.bbc.com/news/world-europe-36130006>, Consultado a 9/6/2021

² BBC News, Sweden brings back military conscription amid Baltic tensions, 2/3/2017 <https://www.bbc.com/news/world-europe-39140100> Consultado a 25/6/2017

³ European Commission, Foreign Direct Investment in the EU, 13/3/2019, https://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2019/march/tradoc_157724.pdf, Consultado a 25/6/2021

⁴ Politico, Missing: Has anyone seen Europe’s China plan?, 3/3/2021, <https://www.politico.eu/article/missing-europe-china-diplomacy-economic-plan/>, Consultado a 25/6/2021

Impacto da Covid-19

O nacionalismo tornou-se, sem dúvida, uma realidade política ainda mais significativa desde a chegada da Covid-19. As fronteiras foram fechadas e a livre circulação dentro do espaço Schengen foi suspensa ou restringida. Mais recentemente, o nacionalismo vacinal colocou os países uns contra os outros, mesmo dentro da União Europeia. Os governos tiraram partido da situação para introduzir controlos sem precedentes sobre suas populações. Preciosas liberdades civis foram eliminadas ou severamente reduzidas, e alguns líderes europeus podem não ter pressa em reverter estas medidas depois de terem a Covid-19 sob controlo.

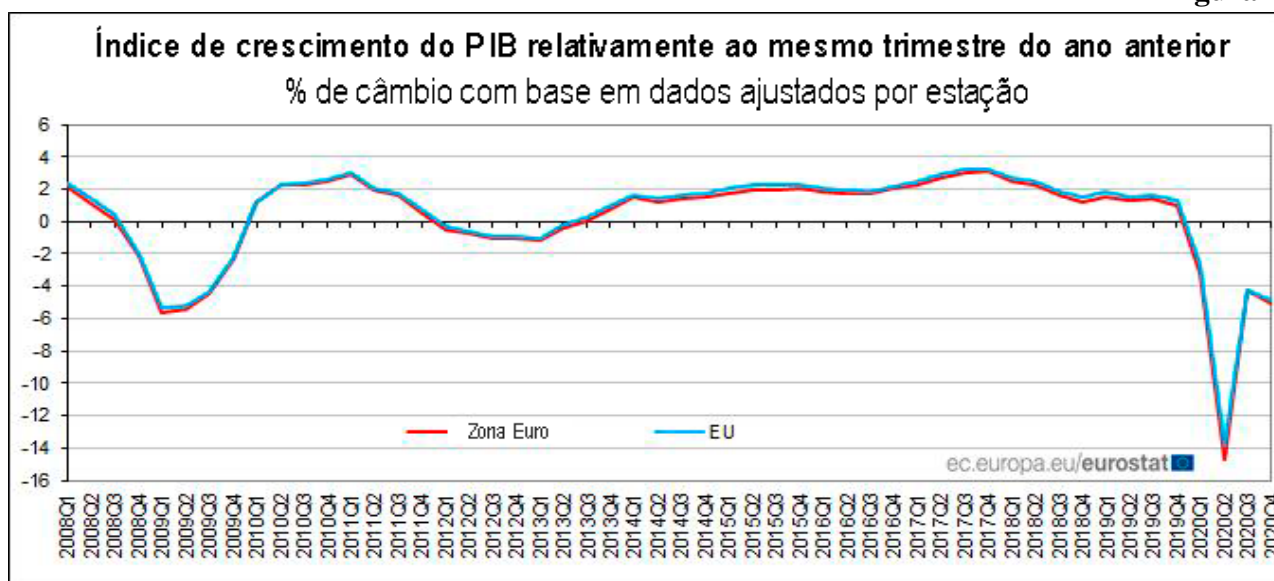
Numa nota mais positiva, o acordo para apoiar economias através de empréstimos diretos do Banco Central Europeu pode ser visto como um sinal de maior colaboração e solidariedade. Contudo, a lentidão inicial dos passos de vacinação no solo europeu, em comparação com os EUA e o Reino Unido, e em parte relacionada com a falta de capacidade de fabrico, levou alguns a apelar à realocização de indústrias estratégicas.⁵ O facto de a Hungria e a Polónia se terem voltado para a China, e a Eslováquia para a Rússia, para vacinas que não haviam sido autorizadas pela Agência Europeia de Medicamentos, é uma indicação da vulnerabilidade europeia.

1.2 Tendências económicas

A crise financeira que começou em 2008 com o colapso da Lehman Brothers precipitou uma crise de dívida soberana em muitos países da zona euro, levando a resgates de emergência em alguns países e cortes drásticos na despesa pública em outros. Desde então, a maioria dos europeus diria provavelmente que as coisas se mantiveram relativamente estáveis, mas sob a superfície há muito com que nos preocuparmos. A situação pode ser resumida em dois gráficos.

A Figura 2 abaixo⁶ mostra a taxa de crescimento do PIB na zona euro ao longo dos últimos dez anos. O PIB (Produto Interno Bruto) é a medida que os economistas usam tradicionalmente para medir a

Figura 2



⁵ European Parliament 2021, Post Covid-19 value chains: options for reshoring production back to Europe, [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2021/653626/EXPO_STU\(2021\)653626_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2021/653626/EXPO_STU(2021)653626_EN.pdf) Consultado a 10/6/2021

⁶ Eurostat, GDP Growth 2008-2020, 2/2/2021, https://ec.europa.eu/eurostat/documents/portlet_file_entry/2995521/2-02022021-AP-EN.pdf/0e84de9c-0462-6868-df3e-dbacaad9f49f, Consultado a 12/2/2021

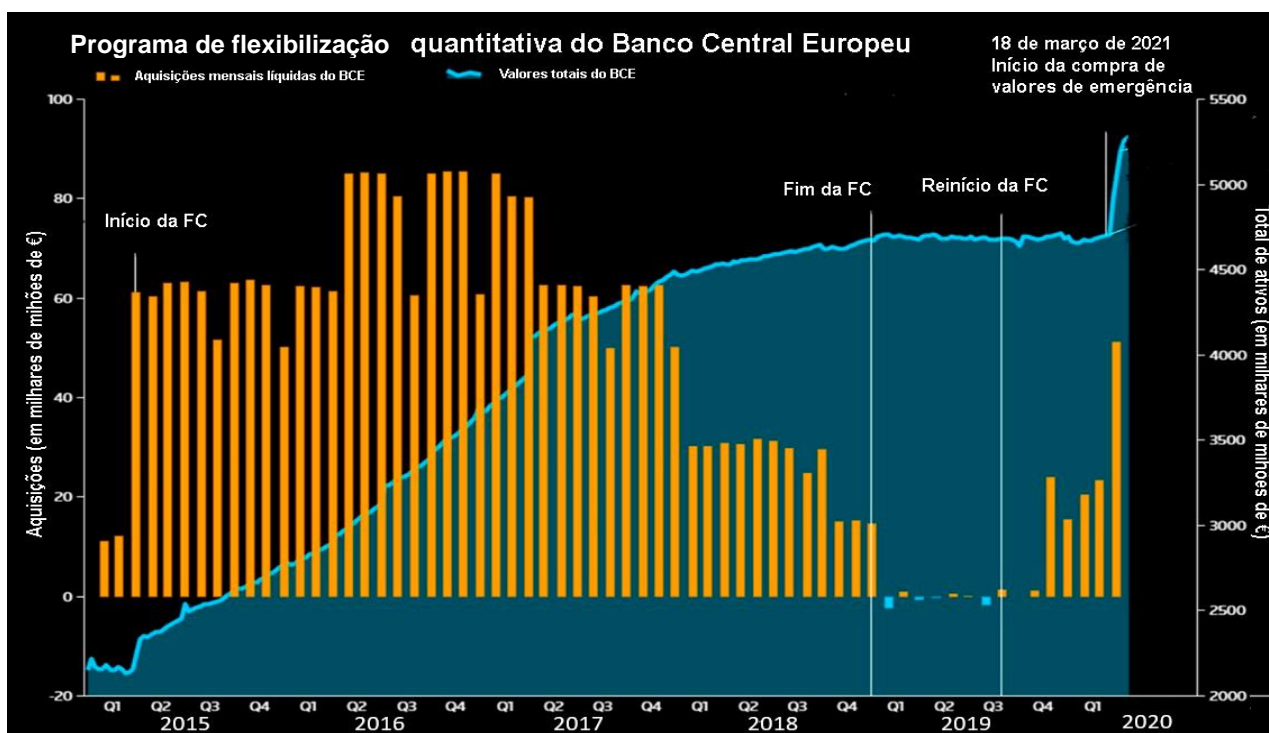
saúde global da economia.⁷ É um pouco como a pressão arterial: ninguém quer que ela suba nem caia subitamente.

O gráfico mostra três declínios acentuados. O primeiro corresponde à crise económica de 2008-9, o segundo à enorme crise da dívida pública de 2011-13. O terceiro e mais abrupto declínio corresponde ao impacto económico da Covid-19. Comentaremos isto mais tarde, mas de momento vale a pena olhar para os valores da abcissa. Mesmo durante os anos de estabilidade, as economias da zona euro cresceram muito pouco.

O crescimento alcançado só foi possível devido à enorme quantidade de fundos que o Banco Central Europeu tem vindo a injetar mensalmente na economia europeia através da flexibilização quantitativa: QE (Figura 3). Regressando à analogia da tensão arterial, a QE é um pouco como uma transfusão de sangue normal. Os últimos anos antes de 2020 podem ter parecido economicamente estáveis, mas isso só foi possível graças a uma injeção mensal na economia europeia de por vezes 30, 60 ou mesmo um máximo de 90 mil milhões de euros, e isso apenas para manter a nossa pressão económica elevada.⁸ São 100 e por vezes 200 euros por mês para cada cidadão da zona euro. Não é preciso ser economista para perceber que, se é preciso pedir emprestado 100 euros por mês a cada membro da família só para continuar a colocar comida na mesa, então alguma coisa não está bem. E no mundo real, o desemprego, e particularmente o desemprego juvenil, continua a ser um enorme problema.

Em muitas partes da Europa Central, Oriental e Mediterrânea, uma geração inteira de jovens desapareceu, porque foram para o estrangeiro à procura de trabalho.

Figura 3



⁷ Ao longo dos últimos vinte anos, tem-se debatido a utilidade do PIB como medida da riqueza de uma economia, sobretudo porque muito fica omitido no seu cálculo, como o trabalho não remunerado. Também não são visíveis outras desigualdades de rendimento, por exemplo, alterações na distribuição de rendimentos (os ricos ficarem mais ricos, os pobres ficarem mais pobres) podem resultar no mesmo valor de PIB. Ver Smith, Financial Times, 25/7/2018, <https://www.ft.com/content/750bc555-036b-38b5-9b32-ac3c4244e449>; Grice e Williams, Economia, 5/3/2014, <https://www.icaew.com/technical/business-and-management/economy-and-business-environment/debate-gdp-as-a-measurement>; Kapoor e Debroy, 2019, Harvard Business Review, 4/10/2019, <https://hbr.org/2019/10/gdp-is-not-a-measure-of-human-well-being>; Consultado a 10/6/21

⁸ Ritvik Carvalho, Reuters, 27/4/2020 <https://www.reuters.com/article/uk-eurozone-markets-ecb-graphic-idUKKCN-2290HN>, Consultado a 12/2/2021.

Num futuro previsível, é provável que a paisagem económica europeia seja dominada pelos elevados níveis de dívida pública e pela tensão intergeracional, com uma população envelhecida e abastada, cujas pensões do Estado são em grande parte pagas por uma população jovem, sobrecarregada pela dívida para pagar a educação, e com perspetivas de emprego cada vez mais pobres.

Impacto da Covid-19

Como já vimos, a dívida pública é uma característica da maioria dos Estados europeus. A Covid-19 levou isso a um nível completamente novo. A dívida nacional do Reino Unido atingiu o seu nível mais alto desde o início dos anos 60, refletindo o enorme custo de medidas de apoio pandémico como o ERTE. O total anual de empréstimos governamentais, o montante que o governo toma emprestado para compensar a diferença entre o que gasta e o que recebe através dos impostos, atingiu £278,8 mil milhões, £230 mil milhões a mais do que no ano anterior.⁹ A dívida em percentagem do PIB situa-se, atualmente, em 99,4% no Reino Unido e 97,3% na zona euro. Ninguém pode dizer quantos anos, ou mesmo décadas, serão necessários para pagar a dívida soberana que acumulámos ao longo do último ano.

No mundo real, muitos europeus ficaram para trás no pagamento das suas hipotecas e estão a lutar para pagar as suas dívidas pessoais por causa das medidas de confinamento. A desigualdade económica entre os mais ricos e os mais pobres tem vindo a aumentar desde há várias décadas.¹⁰ A pandemia tornou estes dados ainda mais relevantes. Muitos dos que têm um emprego seguro e bem remunerado têm conseguido continuar a trabalhar a partir de casa. Alguns, porque não utilizam transporte ou vão de férias, pouparam dinheiro. Muitos outros perderam os seus empregos, especialmente os dos setores da hotelaria e turismo, que são muitas vezes o primeiro passo para os jovens encontrarem emprego. Em geral, em toda a União Europeia, estima-se que se tenham perdido 7 milhões de empregos.¹¹

1.3 Tendências sociais

No que diz respeito ao contexto social europeu, há muitas questões que poderíamos destacar, mas gostaria de sublinhar três delas: a migração, a baixa taxa de natalidade e as questões de género, mais especificamente o número crescente de pessoas que se identificam como LGBT+.

A chamada “crise migratória europeia” de 2015-16 viu mais de 1,5 milhões de refugiados, principalmente da Síria, Afeganistão e Iraque, chegarem ao sudeste da Europa, principalmente por terra e mar. No entanto, em 2016, muitos países europeus alteraram as suas políticas de refugiados e reforçaram os controlos de fronteiras, e a UE acordou com a Turquia uma política de “um dentro, um fora” que fechou, efetivamente, a rota oriental para a Europa. Sem surpresas, os migrantes desesperados procuraram novas rotas. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações, 110 669 migrantes chegaram por mar em 2019, o último ano para o qual existem dados completos, marcando o sexto ano consecutivo de mais de 100 000 chegadas. A maioria dos migrantes chega agora utilizando as rotas do Mediterrâneo central e ocidental, em vez de passar pela Grécia e pelos Balcãs.¹²

⁹ UK Government, Public Sector Finances: February 2021, 19/3/2021, <https://www.ons.gov.uk/economy/governmentpublicsectorandtaxes/publicsectorfinance/bulletins/publicsectorfinances/february2021>, Consultado a 22/6/2021

¹⁰ European Commission, Widening Gap Between the Rich and Poor, 28/9/2015, <https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/en/news/widening-gap-between-rich-and-poor-european-cities>, Consultado a 17/5/2021

¹¹ European Centre for the Development of Vocational Training, Coronavirus Impact on jobs in EU sectors and occupations, 10/3/2021, <https://www.cedefop.europa.eu/en/news-and-press/news/coronavirus-impact-jobs-eu-sectors-and-occupations-skills-forecast-analysis>, Consultado a 10/6/2021

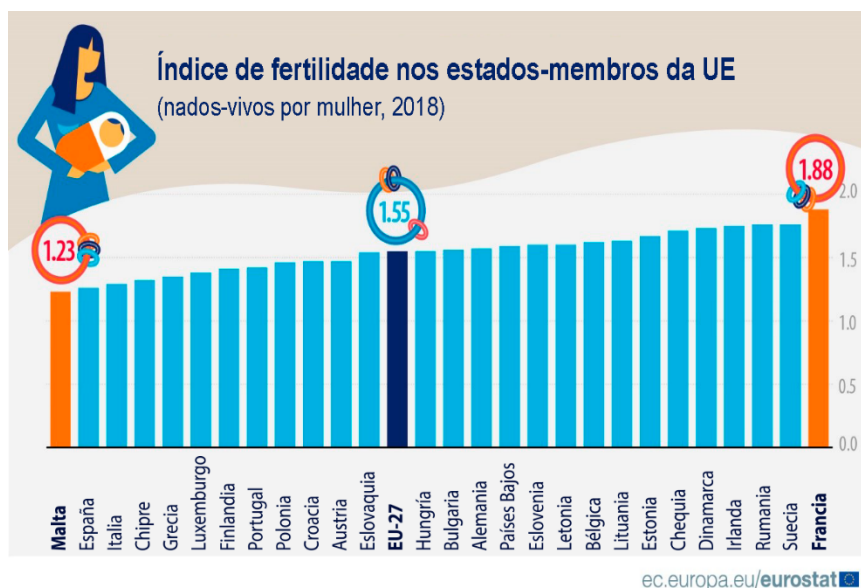
¹² International Organization for Migration, Mediterranean Arrivals 2019, 1/3/2020. <https://www.iom.int/news/iommediterranean-arrivals-reach-110699-2019-deaths-reach-1283-world-deaths-fall>, Consultado a 15/2/2021

O tráfico humano é outro tipo de migração, muitas vezes invisível. O relatório mais recente da UE, que ainda inclui dados do Reino Unido, afirma que, em 2017-18, 26 268 pessoas foram registadas como vítimas de tráfico.¹³ Contudo, este número fica muito aquém do que é necessário. Um relatório da Aliança 8.7 estima que em 2016 na Europa e na Ásia Central houve 3,6 milhões de vítimas da escravatura moderna.¹⁴ Como escrevi noutra lugar: "a dificuldade de gerir as estatísticas não nos deve cegar para a realidade de que aqui mesmo na Europa, muitas dezenas de milhares, se não centenas de milhares de homens, mulheres e crianças vivem em escravatura".¹⁵ Contudo, a migração não afeta apenas os refugiados ou vítimas de tráfico humano. Os indivíduos migram por todo o tipo de razões. Os cidadãos da UE têm o direito de residir e trabalhar em qualquer outro país da UE, pelo que, normalmente não figuram nas estatísticas migratórias. E embora o foco esteja na imigração, em muitos países a emigração é também um verdadeiro desafio.

A nível mundial, os dez países com as populações que mais rapidamente diminuem estão todos na Europa: Bulgária, Letónia, Moldávia, Ucrânia, Croácia, Lituânia, Roménia, Sérvia, Polónia, e Hungria. Alguns países da Europa Central e Oriental sofreram imensamente devido à emigração dos seus habitantes mais jovens e mais talentosos. Desde 1989, a Letónia perdeu 27% da sua população, a Lituânia 23% e a Bulgária 21%. No total, onze países da Europa Central e Oriental perderam mais de 10% das suas populações. Este grau de perda populacional não tem precedentes em tempos de paz, e as projeções para o futuro indicam que é provável que esta tendência se mantenha.¹⁶

A emigração é uma razão para o colapso destas populações, mas outra é a baixa taxa de natalidade há muito existente em toda a Europa. Nenhum dos estados europeus tem uma taxa de natalidade suficiente para perpetuar a sua população: 2,1 nascimentos por mulher. Como mostra a Figura 4, em certos países do leste europeu e ao longo do Mediterrâneo, a taxa de natalidade é assustadoramente baixa.¹⁷ A taxa do Reino Unido para 2018, que já não aparece nos relatórios do Eurostat após a sua saída da UE, era de 1,70.¹⁸

Figura 4



¹³ European Commission, Data collection on trafficking in human beings in the EU, 2020, https://ec.europa.eu/anti-trafficking/sites/default/files/study_on_data_collection_on_trafficking_in_human_beings_in_the_eu.pdf, Consultado a 21/6/2021

¹⁴ Alliance 8.7, Global Estimates of Modern Slavery and Child Labour: Regional Brief for Europe and Central Asia, 2017, https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed_norm/@ipecc/documents/publication/wcms_597874.pdf Consultado a 21/6/2021

¹⁵ Memory, Measuring People Trafficking, Vista 20, Jan 2015, 5 https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/s/vista_issue_20_jan_2015.pdf, Consultado a 21/6/2021

¹⁶ European Commission, Demographic Scenarios for the EU, 4/2019, http://pure.iiasa.ac.at/id/eprint/15942/1/demographic_online_20190527.pdf, Consultado a 10/6/2021

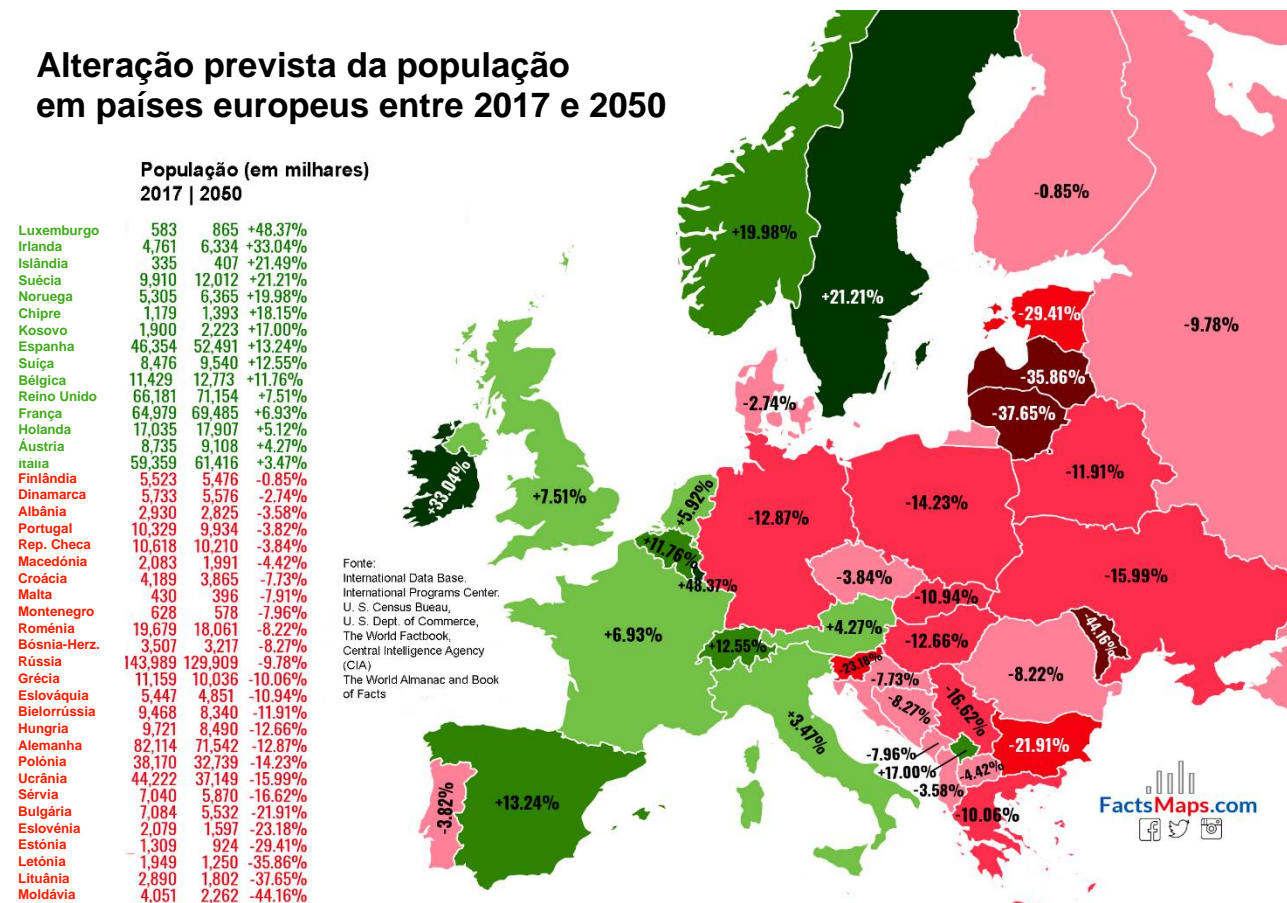
¹⁷ Eurostat, Fertility rates in the EU Member States, 10/4/2020, <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/-/DDN-20200410-1>, Consultado a 20/6/2021

¹⁸ UK Government, ONS, Births in England and Wales 2019, 22/7/2020, <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/birthsdeathsandmarriages/livebirths/bulletins/birthsummarytablesenglandandwales/2019>, Consultado a 20/6/2021

A combinação da migração este-oeste e taxas de natalidade diferenciadas significa que, se as tendências atuais se mantiverem, o futuro demográfico da Europa é claro: um declínio constante da população na Europa Central e Oriental, mas um aumento significativo da população em alguns países da Europa Ocidental. Os efeitos combinados destas tendências são apresentados na Figura 5.¹⁹

Contudo, não se trata de uma clara divisão este-oeste. A Alemanha está no bom caminho para reduzir a sua população entre 8 e 13 milhões até 2060, uma vez que o número de mortes excede o número de nascimentos. A mudança demográfica resultante empurrará a mão-de-obra alemã de 60 para 50 por cento do total. Isto é suscetível de ter consequências importantes para os custos das reformas e dos cuidados de saúde, para a base de consumidores e para as taxas de participação económica. Muitos outros países irão enfrentar desafios semelhantes.

Figura 5



A terceira tendência importante na Europa é o número crescente daqueles que se identificam como LGBT+, especialmente entre as pessoas mais jovens. Um inquérito realizado em 2016 pela Dalia Research revelou que 5,9% dos europeus se identificam como LGBT, variando entre 7,4% na Alemanha e 1,5% na Hungria.²⁰ Entre os jovens de 14-29 anos, 16% descreveram a sua orientação sexual como não heterossexual. Isto está estreitamente correlacionado com um recente estudo pela Gallup nos Estados Unidos, que concluiu que 5,6% da população norte-americana se identifica como lésbica, gay, bissexual, transgénero ou *queer*; em 2012, o número era 3,5%.²¹ Entre os indivíduos com idade inferior a 23 anos, a percentagem dos EUA subiu para 15,9%. E uma investigação pela Ipsos MORI de 2020 no Reino Unido descobriu que, enquanto nove em cada dez britânicos se

¹⁹ FactMaps.com, Projected Population Changes in European Countries 2017-2050, 2018, <https://factsmaps.com/projected-population-change-european-countries-2017-2050/>, Consultado a 2/2/2021

²⁰ Dalia, Counting the LGBT population: 6% of Europeans identify as LGBT, 18th Oct 2016, <https://daliaresearch.com/blog/counting-the-lgbt-population-6-of-europeans-identify-as-lgbt/>, Consultado a 13/4/2021

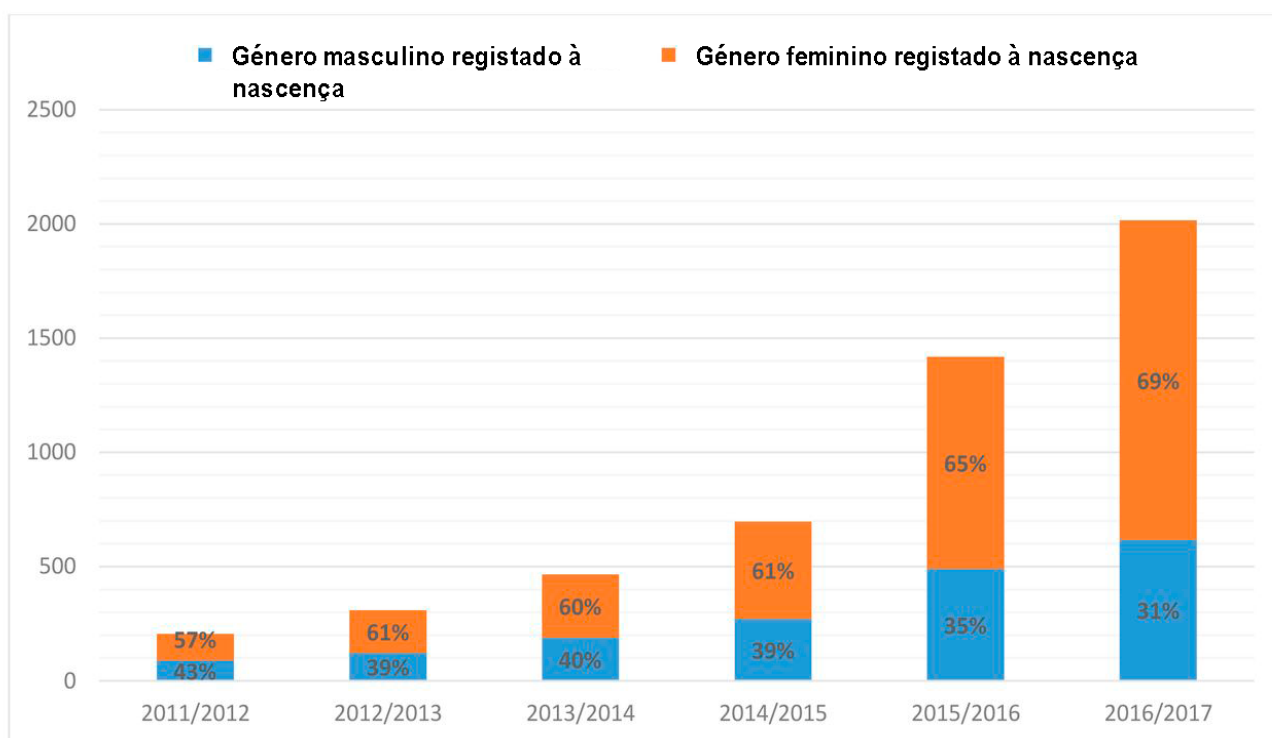
²¹ Gallup, LGBT Identification Rises to 5.6% in Latest U.S. Estimate, 24/2/2021, <https://news.gallup.com/poll/329708/lgbt-identification-rises-latest-estimate.aspx>, Consultado a 13/4/2021

identificam como heterossexuais, apenas metade (54%) dos membros da Geração Z dizem que são exclusivamente atraídos pelo sexo oposto.²²

Recentemente, a questão específica dos direitos dos transgêneros tem vindo a ocupar um lugar de destaque, sobretudo devido ao número de jovens que se identificam como transgêneros (Figura 6).²³ Deve alguém ser autorizado a mudar os marcadores legais do seu género simplesmente porque o diz? Grupos de direitos trans em alguns países europeus defenderam fortemente que isto deveria ser permitido, e legislação foi recentemente apresentada nos parlamentos espanhol e alemão, mas não aprovada. O debate dividiu a chamada comunidade LGBT+, uma vez que algumas lésbicas argumentaram que tais leis poderiam pôr em perigo as mulheres.²⁴

Figura 6

Encaminhamento de crianças e adolescentes para o Serviço de Desenvolvimento da Identidade de Género do Reino Unido por género de nascimento registado, abril de 2011 – abril de 2017.²⁵



Não devemos esquecer que as pessoas LGBTQ+ sofrem terríveis crimes de ódio em muitos países europeus. Contudo, noutros, como o Reino Unido, a situação inverteu-se. Os oradores feministas que questionam a agenda transgénera são proibidos de falar em universidades,²⁶ escritores como J.K. Rowling são acusados de transfobia por apoiarem publicamente alguém que perdeu o seu emprego depois de publicar no Twitter que os transexuais não podem mudar o seu sexo biológico,²⁷ e os cristãos são acusados de discurso de ódio porque desafiam a abordagem da identidade de género

²² Ipsos MORI, Sexual orientation and attitudes to LGBTQ+ in Britain, 26/6/2020, <https://www.ipsos.com/ipsos-mori/en-uk/sexual-orientation-and-attitudes-lgbtq-britain>, Consultado a 13/4/2021

²³ Butler, et.al., (2018) Assessment and support of children and adolescents with gender dysphoria in Archives of Disease in Childhood, Vol.103 Iss.7, 2018 <https://adc.bmj.com/content/103/7/631#ref-1>, Consultado a 23/6/2021

²⁴ The Economist, Continental Europe enters the gender wars, 12/6/2021, <https://www.economist.com/europe/2021/06/12/continental-europe-enters-the-gender-wars>, Consultado a 21/6/2021

²⁵ Butler et al., ibid.

²⁶ The Guardian, If feminist Linda Bellos is seen as a risk, progressive politics has lost its way, 6/10/2017, <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/oct/06/feminist-linda-bellos-women-trans-male-violence>, Consultado a 21/6/2021

²⁷ BBC News, JK Rowling responds to trans tweets criticism, 11/6/2020, <https://www.bbc.com/news/uk-53002557>, Consultado a 21/6/2021

apenas com base na afirmação.²⁸ Juntamente com a migração e a taxa de natalidade, as guerras de género estão a remodelar a sociedade europeia perante os nossos olhos.

Impacto da Covid-19

A migração foi claramente afetada, e de forma significativa, pela pandemia da Covid-19. A circulação entre países, por qualquer razão, tem sido limitada pelo controlo de fronteiras, e é possível que a imposição de protocolos de rastreio e passaportes de vacinação reduza a migração num futuro próximo. De facto, em 2020, vimos uma enorme migração inversa, quando um número sem precedentes de europeus da Europa Central e Oriental regressou aos seus países de origem.²⁹ Estima-se que 1,3 milhões de romenos tenham regressado à Roménia, e mais de meio milhão de búlgaros à sua terra natal, um número extraordinário dado que a população desse país é de apenas 7 milhões.³⁰ Como o emprego regressou após o confinamento, alguns destes trabalhadores regressaram agora à Europa Ocidental, mas certamente não todos.

No entanto, o fluxo de refugiados migrantes e requerentes de asilo tem continuado aproximadamente ao mesmo nível que antes da pandemia. Os números do ACNUR indicavam que, em 2019, 123 633 refugiados atravessaram o Mediterrâneo. Em 2020, este número foi reduzido para 95 031.³¹ No entanto, o impacto económico da Covid-19 nos países vizinhos da Europa criou novos motores para a migração. Além disso, dado que o controlo deste fluxo depende da cooperação das forças de segurança de ambos os lados da fronteira, quando existem razões políticas para a não cooperação, podem surgir situações humanitárias desesperadas, como aconteceu recentemente na fronteira entre Marrocos e Ceuta.³² Não devemos esquecer os 3,7 milhões de refugiados sírios na Turquia, muitos dos quais estão desesperados por chegar à Europa, mas estão presos por causa do acordo de 2016 que mencionámos anteriormente. Também não devemos esquecer as 16 000 pessoas que se encontram em campos de refugiados nas ilhas gregas porque chegaram depois de o acordo ter sido assinado.³³ Nem podemos esquecer das vítimas de tráfico humano que “enfrentam riscos adicionais devido ao surto de Covid-19, como resultado do isolamento, instabilidade económica, e acesso reduzido a serviços de apoio.”³⁴

Enquanto alguns previam que o confinamento da Covid-19 deixaria casais com pouco para fazer senão procriar, os dados mostram que, ao invés de um “baby boom”, a taxa de natalidade está a diminuir. Os resultados preliminares em Espanha³⁵ indicam uma queda de 23% nos nascimentos registados no período de dezembro-janeiro em comparação com o ano anterior. Em Itália, os

²⁸ The Times, We are treated like the Uighurs, claim evangelical Christians, 4/2/2020, <https://www.thetimes.co.uk/article/we-are-treated-like-the-uighurs-claim-evangelical-christians-k2v32btpp>, Consultado a 21/6/2021

²⁹ The Economist, How the pandemic reversed old migration patterns in Europe, 28/1/2021, <https://www.economist.com/europe/2021/01/28/how-the-pandemic-reversed-old-migration-patterns-in-europe>, Consultado a 13/4/2021

³⁰ ECFR, The Grand Return: COVID-19 and Reverse Migration to Bulgaria, 11/2020, <https://ecfr.eu/wp-content/uploads/Remigration-Report-ECFR-EN.pdf>, Consultado a 13/4/2021

³¹ UNHCR, Mediterranean Situation, <https://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean>, Consultado a 10/3/2021

³² BBC News, Migrants reach Spain's Ceuta enclave in record numbers, 18/5/2021, <https://www.bbc.com/news/world-europe-57150051>, Consultado a 11/6/2021

³³ The Guardian, What happened to the Syrian refugees who got stuck in Turkey?, 17/3/2021, <https://www.theguardian.com/world/2021/mar/17/what-happened-to-the-syrian-refugees-who-got-stuck-in-turkey>, Consultado a 11/6/2021

³⁴ University of Nottingham Rights Lab, The Government's response to COVID-19: human rights implications related to modern slavery, 2020, <https://www.nottingham.ac.uk/research/beacons-of-excellence/rights-lab/resources/reports-and-briefings/2020/april/submission-to-the-joint-committee-on-human-rights-and-modern-slavery.pdf> Consultado a 21/6/2021

³⁵ El País, The Coronavirus Effect, 8/3/2021, https://english.elpais.com/economy_and_business/2021-03-08/the-coronavirus-effect-spain-sees-sharp-decline-in-births.html, Consultado a 10/3/2021

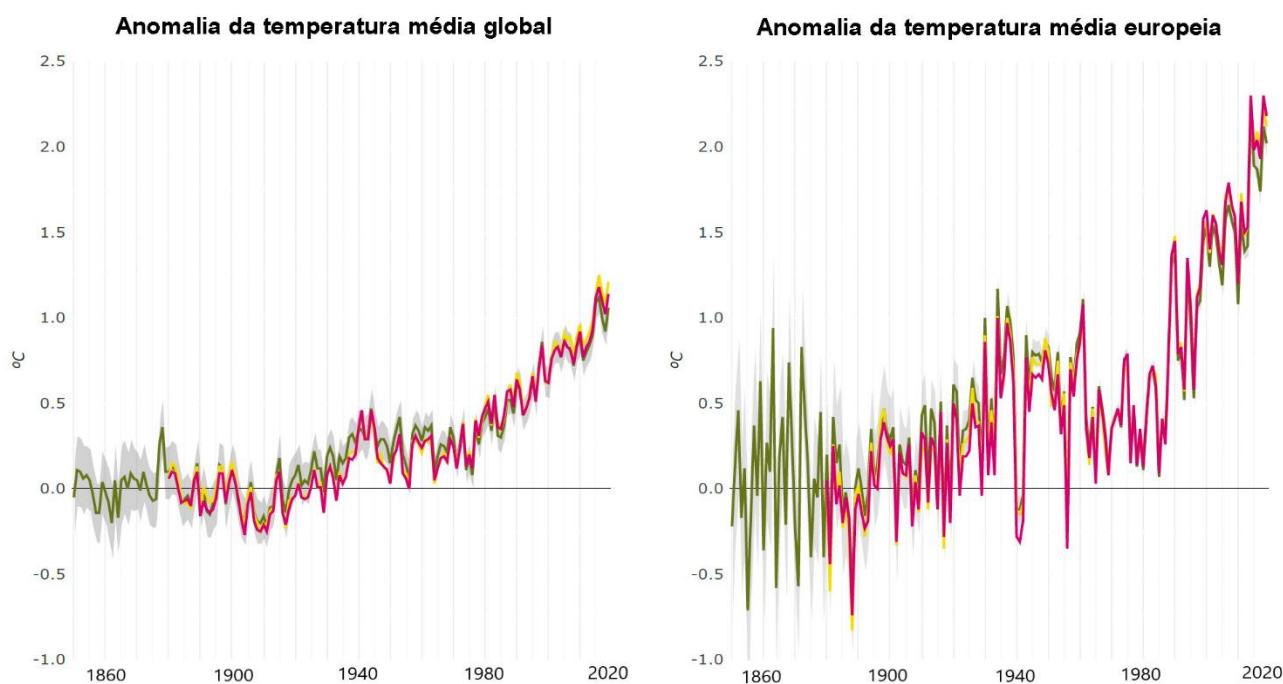
nascimentos caíram 22%. Em França, Estónia, Letónia e Lituânia, os números mensais de nascimentos em dezembro ou janeiro atingiram o seu ponto mais baixo em mais de 20 anos.³⁶

É pouco provável que a Covid-19 afete o número daqueles que se identificam como LGBTQ+, mas vários relatórios destacaram o impacto da pandemia na população LGBTQ+ na Europa, limitando o seu acesso a serviços de saúde mental específicos, mas também sublinhando um aumento de relatos de discriminação e violência doméstica.³⁷ De uma maneira geral, reconhece-se que a pandemia de Covid-19 levou a um aumento da violência doméstica contra mulheres e crianças em toda a Europa.³⁸

1.4 Tendências ambientais

Com os desafios económicos, políticos e sociais em primeiro plano, sem falar na Covid-19, as questões ambientais não têm estado no topo da recente agenda política europeia. No entanto, a dura realidade não mudou. No total, dezanove dos anos mais quentes de que há registo ocorreram desde o início do novo milénio.³⁹ Como a Figura 7 indica, a Europa está a aquecer mais depressa do que a média global. Os quatro anos mais quentes na Europa desde o início dos registos foram 2014, 2015, 2018 e 2019.

Figura 7



O ano de 2018 assistiu a um número extraordinário de fenómenos climáticos extremos na Europa. O Norte da Europa viu os termómetros atingirem máximos sem precedentes. Na Dinamarca, junho de 2018 foi o ano mais quente em três décadas, e julho o mais ensolarado de sempre. Na Finlândia,

³⁶ BBC News, Covid: From boom to bust – why lockdown hasn't led to more babies, 18/3/2021 <https://www.bbc.com/news/world-56415248>, Consultado a 11/6/2021

³⁷ Council of Europe, Covid-19 impacts on LGBTI communities in Europe and Central Asia, 19/6/2020, <https://www.coe.int/en/web/sogi/-/report-by-ilga-europe-covid-19-impacts-on-lgbti-communities-in-europe-and-centralasia-a-rapid-assessment-report>, Consultado a 14/4/2021

³⁸ European Institute for Gender Equality, The Covid-19 pandemic and intimate partner violence against women in the EU, 5/3/2021, <https://eige.europa.eu/publications/covid-19-pandemic-and-intimate-partner-violence-against-women-eu>, Consultado a 22/6/2021; Unicef, During the pandemic, women and children are at greater risk of domestic violence, 10/12/2020, <https://www.unicef.org/romania/press-releases/during-pandemic-women-and-children-are-greater-risk-domestic-violence>, Consultado a 22/6/2021

³⁹ NASA, Global Temperature, <https://climate.nasa.gov/vital-signs/global-temperature/>, Consultado a 11/6/2021

algumas áreas a norte do Círculo Ártico atingiram 33° C enquanto a província norte da Lapónia sofreu incêndios devastadores.

No entanto, o calor extremo não se limita a ondas de calor. As inundações têm-se tornado um problema frequente em muitos países europeus. A Europa está, atualmente, a sofrer inundações mais frequentes e mais graves do que em qualquer outro momento nos últimos 500 anos, de acordo com um relatório publicado na *Nature* em julho de 2020.⁴⁰ Quando este relatório estava prestes a ser publicado, a 15 e 16 de julho de 2021, a Alemanha Ocidental, Bélgica, Luxemburgo e Países Baixos sofreram as piores inundações de uma geração, resultando na perda quase certa de centenas de vidas.

As alterações climáticas são um dos motores da migração para a Europa, mas é também possível que na próxima geração se torne uma realidade dentro do continente, à medida que certas regiões e cidades se tornam inabitáveis. Muitos agrónomos acreditam que tais eventos climáticos extremos já estão a ameaçar a segurança alimentar do continente.⁴¹ Outras investigações recentes sugerem que os produtos químicos ambientais podem estar associados ao colapso das taxas de fertilidade, não só na Europa, mas em todo o mundo.⁴²

Impacto da Covid-19

Inicialmente, a Covid-19 pareceu ter efeitos benéficos a curto prazo no ambiente. O confinamento intenso melhorou a qualidade do ar em muitos locais, reduziu as emissões de gases com efeito de estufa e reduziu a poluição sonora e da água.⁴³ Contudo, 2020 acabou por ser o ano mais quente de que há registo.⁴⁴ Os especialistas preveem que, à medida que a atividade económica global recupera, a pandemia tenha tido pouco impacto nas emissões em 2030 e nos anos seguintes.⁴⁵

O que ainda não está claro é se a Covid-19 terá causado alterações no estilo de vida que possam afetar o ambiente. Muitos empregadores e empregados tomaram consciência das vantagens de trabalhar a partir de casa e podem nunca mais regressar ao escritório. O turismo internacional, e as companhias aéreas que o facilitam, não podem regressar aos níveis pré-pandémicos. Em contrapartida, o impacto económico do combate à pandemia pode condicionar severamente as reações dos governos à crise ambiental.

A recente cimeira do G7 poderia ter aprovado compromissos muito mais ambiciosos para enfrentar a crise climática, mas em vez de aprender com as lições da Covid-19, que ditam que tais problemas devem ser enfrentados em conjunto, pareceu haver pouca vontade de prometer mais fundos para aliviar os atuais desafios ambientais globais.⁴⁶ A conferência da ONU sobre alterações climáticas em Glasgow, no início de novembro, será outra oportunidade crucial para agir.

⁴⁰ Blöschl, et.al., (2020), Current European flood-rich period exceptional compared with past 500 years, *Nature* 583, 560-566, 22/7/2020, <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2478-3>, Consultado a 10/3/2021

⁴¹ Sustainability Times, Frequent extreme weather events are increasing crop losses in Europe, 2/4/2021, <https://www.sustainability-times.com/environmental-protection/frequent-extreme-weather-events-are-increasing-crop-losses-in-europe/>, Consultado a 11/6/2021

⁴² Levine, et.al., (2017), Temporal trends in sperm count: a systematic review and meta-regression analysis, *Human Reproduction Update*, Vol.23, Issue 6, Nov-Dec 2017, <https://academic.oup.com/humupd/article/23/6/646/4035689>, Consultado a 18/3/2021

⁴³ Kumar, et.al (2020), With Corona Outbreak: Nature Started Hitting the Reset Button Globally, *Frontiers in Public Health*, 24/9/2020, <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2020.569353/full>, Consultado a 11/6/2021

⁴⁴ NASA, 2020 Tied for Warmest Year on Record, NASA Analysis Shows, 14/1/2021, <https://www.nasa.gov/press-release/2020-tied-for-warmest-year-on-record-nasa-analysis-shows>, Accessed 11/6/2021

⁴⁵ Reilly, J.M., et.al (2021), The COVID-19 effect on the Paris agreement. *Humanit Soc Sci Commun* 8, 16 <https://doi.org/10.1057/s41599-020-00698-2>, Consultado a 12/3/2021

⁴⁶ TIME, The G7 want to save the world from climate change. But are they willing to pay for it? 10/6/2021, <https://time.com/6072651/g7-climate-finance/>, Consultado a 15/6/2021

1.5 Tendências tecnológicas

No final de 2015, o Fórum Económico Mundial publicou um relatório intitulado “Mudança Profunda: Pontos de Inclinação Tecnológica e Impacto Social”.⁴⁷ Este relatório identificou seis megatendências tecnológicas que estão a moldar o futuro:

- i. As pessoas e a Internet. A forma como nos relacionamos uns com os outros e partilhamos informação está a mudar. A tecnologia vestível e implantável tornar-se-á algo normal da vida.
- ii. Informática, comunicações, e armazenamento em todo o lado. As reduções de custos vão dar a quase todos acesso quase ilimitado ao poder computacional e ao armazenamento digital.
- iii. A Internet das Coisas. Roupas, acessórios, transporte, as nossas casas, e os processos de fabrico que as fornecem, serão todos viabilizados com tecnologia.
- iv. Inteligência Artificial (IA) e grandes dados. A digitalização exponencial cria exponencialmente mais dados, sobre tudo e todos. Isto terá um impacto profundo na tomada de decisões e no emprego.
- v. A economia partilhada e a confiança distribuída. A Internet suporta novas economias e bens partilhados. A tecnologia da cadeia de bloqueio⁴⁸ torna-se uma alternativa e, em última análise, um substituto para os bancos centrais.
- vi. A digitalização da matéria. Cada vez mais objetos estão a ser “impressos” em 3D, permitindo a fabricação de artigos simples em casa, e mesmo a construção de casas propriamente ditas.⁴⁹ Na área médica, já estão a ser desenvolvidos instrumentos cirúrgicos únicos, próteses feitas à medida e até pele humana impressa em 3D.⁵⁰

Mesmo uma breve consideração destas seis mudanças dá-nos uma ideia da medida em que o nosso contexto e os nossos média estão a ser transformados pela inovação tecnológica, e nem sempre para melhor.

Ao nível mais básico, estas tecnologias dependem do acesso à Internet e, mesmo na Europa, isto está longe de ser uniforme. Nem todos têm o mesmo acesso às tecnologias de informação, e aqueles de nós que têm acesso controlam-no menos do que pensam. Algoritmos controlam o que vemos e o que não vemos nas redes sociais. A inteligência artificial pode, em breve, tomar decisões nas nossas vidas: que opções educacionais ou empregos estão disponíveis para nós, que seguro de saúde ou de vida podemos obter, e assim por diante.

Em vez de pintar um futuro distópico, é mais instrutivo considerar o impacto que a tecnologia já teve na sociedade. A tecnologia já transformou e liberalizou o mercado de trabalho global, criando uma nova classe de trabalhadores a que alguns chamam “precariado”.⁵¹ Estes trabalhadores sobrevivem

⁴⁷ World Economic Forum (2015), Deep Shift: Technology Tipping Points and Societal Impact, 9/9/2015, <https://www.weforum.org/reports/deep-shift-technology-tipping-points-and-societal-impact>, Consultado a 20/5/2021

⁴⁸ A blockchain é uma série de registos com carimbo de data e hora geridos por uma rede de computadores em vez de uma entidade centralizada. Estes blocos de dados estão entreligados segundo princípios criptográficos.

⁴⁹ Guardian, Dutch couple become Europe’s first inhabitants of a 3D-printed house, 30/4/2021, <https://www.theguardian.com/technology/2021/apr/30/dutch-couple-move-into-europe-first-fully-3d-printed-house-eindhoven>, Consultado a 11/6/2021

⁵⁰ Sculpteo, Medical 3D Printing: How 3D-printing is saving lives, <https://www.sculpteo.com/en/3d-learning-hub/applications-of-3d-printing/medical-3d-printing/>, Consultado a 11/6/2021

⁵¹ Standing (2018), The Precariat: Today’s Transformative Class, Great Transition Initiative, 10/2021, <https://greattransition.org/publication/precariat-transformative-class>, Consultado a 25/6/2021

com contratos a curto prazo, de zero horas, e têm poucos direitos para além dos salários que recebem pelas horas que trabalham. São frequentemente vítimas de dívidas, muitas vezes porque, na ausência de contratos de trabalho formais, não conseguem pedir empréstimos em condições favoráveis. Muitos veem ligações entre o surgimento do precariado e o aumento do populismo.⁵²

No entanto, um dos impactos mais profundos da revolução digital é no conhecimento e na verdade. Num mundo digital, a informação, tanto verdadeira como falsa, espalha-se rapidamente. Quer sob a forma de reportagens na comunicação social, dados ou mensagens em redes sociais, a informação (verdadeira ou falsa) pode ser utilizada para manipular o comportamento. A analista de ciberespaço Laura Galante observa que “cada vez mais, as nossas realidades estão enraizadas na informação que consumimos na palma da nossa mão, nas fontes de notícias que revemos, e nos hashtags e histórias em tendência”, de modo que as nossas mentes se tornaram “a ferramenta mais explorável do planeta”.⁵³

A investigação está a revelar que a nossa vulnerabilidade é o resultado do “efeito de verdade ilusória”, um fenómeno pelo qual as pessoas consideram as afirmações mais repetidas mais verdadeiras do que as que não se repetem. Quanto mais frequentemente vemos uma informação repetida, maior é a probabilidade de acreditarmos que é verdade. Se é ou não verdade é praticamente irrelevante. O que importa é que produza o resultado pretendido, seja a compra de um determinado produto, um voto para determinado partido ou uma resposta política mais radical. A revolução digital é também uma revolução epistemológica.

Finalmente, uma palavra sobre as redes sociais e a saúde mental. Na última década, muitos de nós abraçamos um novo meio de interação humana: as redes sociais nos nossos telemóveis. Plataformas como o Facebook, o Twitter e o Instagram permitem-nos permanecer ligados ao resto do mundo 24 horas por dia, sete dias por semana. Estima-se que existam atualmente 3 mil milhões de pessoas que utilizam as redes sociais todos os dias. No entanto, este aumento da ligação não se traduz em satisfação de vida. Pensa-se que o “vício das redes sociais” afeta cerca de 5% dos jovens, e isto é principalmente porque gera uma certa compulsão. “O desejo de uma dopamina ‘elevada’, aliado à incapacidade de obter gratificação instantânea, pode levar os utilizadores a atualizar constantemente os seus *feeds* nas redes sociais.”⁵⁴ Estudos têm descoberto que o uso prolongado de plataformas de comunicação social pode estar ligado à depressão, ansiedade e stress. Embora admitindo que são necessários mais estudos, uma metarrevisão da literatura sobre os efeitos da utilização das redes sociais na saúde mental chegou à forte conclusão de que “as redes sociais são responsáveis pelo agravamento dos problemas de saúde mental”.⁵⁵

Impacto da Covid-19

Devido à pandemia, os processos de digitalização que poderiam ter levado anos em circunstâncias normais ocorreram numa questão de semanas. As reuniões de igreja passaram a estar online e mesmo os mais velhos se familiarizaram com a utilização da tecnologia da informação para interagir com os outros. As consequências mais significativas do aumento da digitalização só podem tornar-se aparentes nos anos vindouros. Anteriormente, a inteligência artificial era utilizada, principalmente, para envolver clientes e influenciar as suas decisões, quer na compra de um produto, quer na escolha

⁵² World Economic Forum, Meet the precariat, the new global class duelling the rise of populism, 9/11/2016, <https://www.weforum.org/agenda/2016/11/precariat-global-class-rise-of-populism/>, Consultado a 15/6/2021

⁵³ KUB, The Illusory Truth Effect on Social Media, 6/2020, <https://www.kub-uk.net/insights/illusory-truth-effect/> Consultado a 26/5/2021

⁵⁴ Edmonds, Anxiety, Loneliness and Fear of Missing Out: The impact of social media on young people’s mental health, Centre for Mental Health, 18/9/2018, <https://www.centreformentalhealth.org.uk/blogs/anxiety-loneliness-and-fearmissing-out-impact-social-media-young-peoples-mental-health>, Consultado a 25/6/2021

⁵⁵ Karim, et al. (2020), Social Media Use and Its Connection to Mental Health: A Systematic Review, *Cureus* 12(6): e8627. <https://doi:10.7759/cureus.8627> Consultado a 25/6/2021

de um candidato eleitoral. Durante a pandemia, quando o tempo escasseava, a IA ajudou serviços de saúde a modelar a taxa de propagação e a prever os problemas de capacidade hospitalar.^{56 57} O impacto a longo prazo da Covid-19 será a aceleração da IA e da robótica em muitos trabalhos que, atualmente, requerem contacto humano. O trabalho remoto tornou-se um lugar-comum para muitos funcionários, e muitas empresas podem nunca regressar à rotina do escritório de segunda a sexta-feira.

A Covid-19 também exacerbou as desigualdades tecnológicas na sociedade. Enquanto crianças de origens privilegiadas puderam seguir as suas aulas online, muitas de origens menos privilegiadas tiveram a sua escolaridade interrompida, o que, se não for controlado, terá um impacto para toda a vida. Estudos realizados na Bélgica, Países Baixos, Suíça e Reino Unido apontam para “perda educacional” e aumento da desigualdade como consequência da pandemia.⁵⁸

A tecnologia criada para o rastreio de contactos pode ser aplicada mais amplamente. Os dados de localização dos smartphones podem ser utilizados para rastrear os movimentos das pessoas, permitindo graus de rastreio pessoal que teriam sido inconcebíveis apenas há alguns anos. Embora em muitos países tais medidas sejam voluntárias, a necessidade de passaportes de vacinação ao atravessar fronteiras, ou mesmo a exigência de ativar tais aplicações para obter ou reter emprego, tornará esta tecnologia normal, com todas as implicações em termos de liberdades civis que lhe estão associadas.

Se anteriormente tínhamos alguma dúvida sobre o “efeito de verdade ilusória”, a pandemia mostrou como somos vulneráveis à revolução epistemológica da era digital. As teorias de desinformação e conspiração sobre a Covid-19 e, mais recentemente, sobre as vacinas, puseram em causa medidas de prevenção, popularizaram tratamentos perigosos e, em alguns países, frustraram a possibilidade de se conseguir imunidade. A maioria de nós conhece pessoas que recusaram a vacinação por causa de um vídeo, publicação ou história que viram no telemóvel.

Finalmente, a Covid-19 teve um impacto extraordinário nas ideias populares sobre a ciência. Desde os primeiros dias da pandemia, os políticos tentaram justificar as suas decisões sobre o confinamento e a eliminação de restrições dizendo que “somos guiados pela ciência”. Infelizmente, parece que cientistas de diferentes países (e de diferentes convicções políticas) tinham conceitos diferentes do que a ciência dizia, o que proporcionou terreno fértil para as supracitadas teorias conspiratórias. A aplicação da investigação científica produziu uma bateria de vacinas em tempo recorde, mas a narrativa do ano passado semeou dúvidas e receios sobre a ciência e a tecnologia que podem prolongar-se no futuro.

⁵⁶ Council of Europe, Artificial Intelligence and the control of Covid-19, <https://www.coe.int/en/web/artificial-intelligence/ai-covid19>, Consultado a 17/5/21

⁵⁷ Qian, et al (2021) CPAS: The UK’s national machine learning-based hospital capacity planning system for Covid-19 Mach Learn 110, 15-35, <https://link.springer.com/article/10.1007/s10994-020-05921-4>, Consultado a 17/5/21

⁵⁸ World Bank, The Impact of Covid-19 on Education – Recommendations and Opportunities for Ukraine, 2/4/2021, <https://www.worldbank.org/en/news/opinion/2021/04/02/the-impact-of-covid-19-on-education-recommendations-and-opportunities-for-ukraine>, Consultado a 15/6/2021

2

A Europa de hoje: o contexto espiritual

2.1 Secularização e dessecularização

Em muitos aspectos, o Cristianismo criou a Europa como a conhecemos. Nenhum outro continente foi exposto ao Cristianismo durante um período tão longo e de forma tão profunda. No entanto, tal como a Europa foi o primeiro continente a ser cristianizado, foi também o primeiro a ser descristianizado. Claro que houve partes de África e da Ásia que viram o Cristianismo dominar e depois perderam esse domínio para o Islão muito antes de qualquer país europeu ter sido completamente evangelizado. A diferença é que enquanto durante os primeiros 1500 anos da história cristã a descristianização foi o resultado da perda de "territórios cristãos" para os invasores, a descristianização da Europa durante os últimos 500 anos veio de dentro.

A história de como passámos “de uma sociedade em que era virtualmente impossível não acreditar em Deus para uma sociedade em que a fé, mesmo para o crente mais forte, é uma possibilidade humana entre outras”⁵⁹ está muito além do âmbito deste relatório. A obra *A Secular Age* de Charles Taylor, da qual esta citação é extraída, tem 896 páginas.

Este processo de descristianização ou, como é mais conhecido, secularização, tem sido objeto de muito estudo e debate. Mais uma vez, não podemos tratar aqui a questão em profundidade, mas é importante compreender que a secularização não é um processo único. Taylor considera que a secularização tem três aspectos ou modos:

- i. A secularização dos espaços públicos: isto é, a chamada “emancipação” das esferas públicas (Estado, economia, ciência) das instituições e normas religiosas, com a concomitante rejeição da crença religiosa para a esfera privada.
 - ii. O declínio na crença e prática religiosa: cada vez menos pessoas dizem acreditar em Deus e/ou frequentam regularmente o culto da igreja.
 - iii. Mudanças na cultura, para que a descrença seja vista como uma opção viável: ou seja, “um afastamento de uma sociedade em que a crença em Deus não tem adversários e não é certamente um problema para uma sociedade em que é vista como uma opção entre outras, e muitas vezes não é a mais fácil de aceitar.”⁶⁰
- A um ritmo lento, mas seguro, a ideia de que é possível viver sem Deus criou raízes na mentalidade europeia.

Dados da mais recente edição do European Values Survey (EEV 2017-20) indicam que 61% dos suecos, 53% dos neerlandeses, 51% dos britânicos e noruegueses e 50% dos checos dizem que não acreditam em Deus. No que diz respeito a frequências de culto, apenas um em cada vinte suecos, noruegueses e finlandeses vão à igreja aos domingos, e um em cada quarenta dinamarqueses! 63% dos franceses, 61% dos checos e 60% dos britânicos nunca frequentam um culto religioso.⁶¹

Estatísticas como estas são frequentemente utilizadas para argumentar que a Europa é agora inteiramente pós-cristã, embora os mesmos dados sublinhem as complexidades e contradições. Com as exceções da França (23%) e da Suécia (19%), em qualquer outro país europeu menos de 15% dos habitantes declaram ser “ateus convictos”. Mesmo nos países mais seculares, cerca de uma em cada seis ou sete pessoas ora pelo menos uma vez por semana: na República Checa (15,1%), Suécia (15,7%) e Dinamarca (13,5%).

⁵⁹ Taylor (2007), *A Secular Age*, Cambridge: Harvard University Press, 3

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ Memory (2021), *Secularity and Irreligion in Europe*, Vista 38, 5/2021, <https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/latest-articles/secularity-and-irreligion-in-europe>, Consultado a 19/5/21.

Estas estatísticas ilustram um dos paradoxos da Europa. Em muitos países europeus, a Igreja perdeu a sua posição dominante na esfera pública. No entanto, muitos europeus estão relutantes em abandonar completamente o Cristianismo. Mesmo enquanto as medidas tradicionais de identidade religiosa e participação (filiação ou frequência na igreja) diminuem, a crença em Deus e a prática da oração privada permanecem ativas, destacando a famosa dicotomia que Grace Davie expõe em *Believing without Belonging*.⁶²

Além disso, a presença na Europa de comunidades prósperas de crentes, tanto cristãos como de outras tradições religiosas, juntamente com a emergência de um Cristianismo desinstitucionalizado e de pessoas que se descrevem a si próprias como “espirituais, mas não religiosas”, levaram alguns a sugerir que estamos a caminhar para uma sociedade pós-secular.⁶³ E, se olharmos para a Europa Central e Oriental, especialmente, mas não exclusivamente, para os países que têm uma Igreja Ortodoxa estatal forte, em vez do colapso do Cristianismo, encontramos igrejas revitalizadas de estilo cristão a receber tratamento favorável de políticos nacionalistas devido ao seu tremendo potencial unificador.

Finalmente, são evidentes diferentes tendências em ambientes urbanos e rurais. Tradicionalmente, as cidades eram entendidas como centros de secularização, enquanto o campo era o espaço onde as ideias religiosas tradicionais resistiam. Mais recentemente, porém, os investigadores detetaram a tendência oposta, onde a migração tem contribuído para a dessecularização da cidade.⁶⁴ Como David Goodhew observou na conclusão do *Church Growth in Britain: 1980 to the Present*, “nos últimos 30 anos, a Grã-Bretanha tornou-se mais secular e mais religiosa. Tudo depende de para onde se olha.”⁶⁵ O mesmo se poderia dizer de muitas partes da Europa de hoje.

Vivemos na Europa das múltiplas modernidades,⁶⁶ tanto secularizadas como multirreligiosas (SMR).⁶⁷ Estes fenómenos de secularização e dessecularização que ocorrem no mesmo país, e por vezes mesmo dentro da mesma cidade, são um lembrete de que não devemos tomar por garantido que o que está a acontecer onde vivemos também está a acontecer noutra lugar.

Impacto da Covid-19

A pandemia da Covid-19 é a coisa mais próxima de uma ameaça existencial que a maioria dos europeus enfrentou em toda a sua vida. Desde a Segunda Guerra Mundial que nada afetou tão profunda e simultaneamente as vidas de todos os europeus. Tanto enquanto indivíduos como enquanto sociedades, quando confrontados com estes desafios existenciais, tendemos a utilizar uma série de estratégias para reduzir a nossa sensação de insegurança, e uma delas é a prática da fé religiosa. Em suma, diríamos que é em tempos de crise que nos lembramos de Deus, e já existem algumas provas de que a Covid-19 teve um impacto na secularização da Europa.

Durante a primeira vaga da pandemia, os investigadores⁶⁸ detetaram um aumento nas pesquisas do Google do termo “oração”. No Reino Unido, o número de pessoas que se inscreveram nos cursos Alfa triplicou.⁶⁹ Os

⁶² Davie (1994), *Religion in Britain Since 1945: Believing Without Belonging*, London: Wiley

⁶³ Habermas (2008), Notes on a Post-Secular Society, *New Perspectives Quarterly*, 13/10/2008, <https://doi.org/10.1111/j.1540-5842.2008.01017.x> Consultado a 21/6/2021

⁶⁴ Goodhew and Cooper, Eds. (2020), *The Desecularisation of the City*, London: Routledge

⁶⁵ Goodhew (2012), *Church Growth in Britain*, Farnham: Ashgate, 253

⁶⁶ Casanova (2011), Cosmopolitanism, the clash of civilizations and multiple modernities, *Current Sociology*, 59(2) 252- 267, <https://doi.org/10.1177%2F0011392110391162>, Consultado a 21/6/21

⁶⁷ Van de Poll (2019), Secular and Multi-religious: Welcome to the SMR Society, *Vista* 32, Jan 2019, <https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/latest-articles/secular-and-multi-religious-welcome-to-the-smr-society>, Consultado a 19/5/21.

⁶⁸ Telegraph, Pandemic prompts surge in Google prayer, 22/5/2020, <https://www.telegraph.co.uk/global-health/climate-and-people/pandemic-prompts-surge-interest-prayer-google-data-show/> Consultado a 16/3/2021

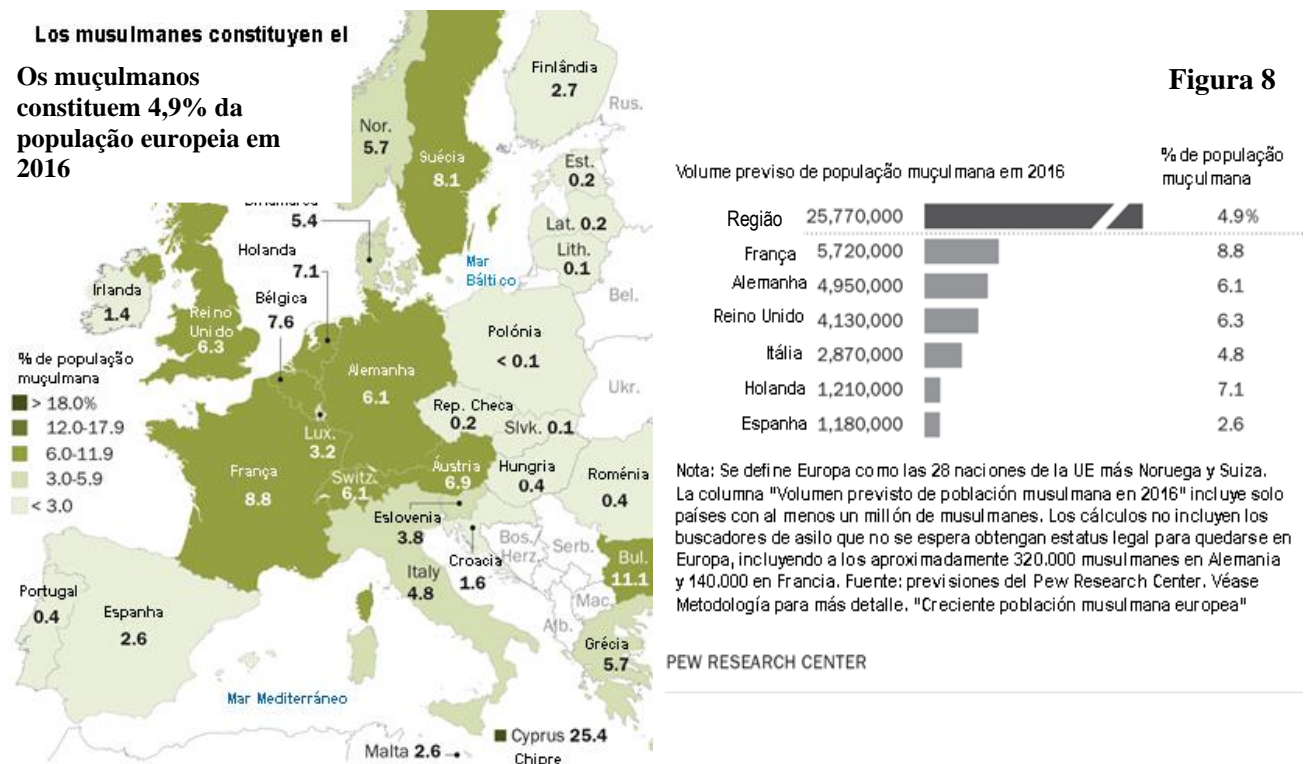
⁶⁹ Evangelical Focus, Alpha Course Registrations Triple, 11/6/2020, <https://evangelicalfocus.com/europe/6462/alphacourse-registrations-triple-in-the-uk-due-to-the-lockdown>, Consultado a 19/3/2021

sociólogos da religião, primeiro em Itália⁷⁰ e mais recentemente na Polónia, encontraram provas chocantes para apoiar um renascimento do interesse pela religião. Os investigadores polacos declararam: “Cerca de um quinto (21,3%) das pessoas relataram ter passado mais tempo a orar e a envolver-se em outras práticas religiosas do que antes. Até 61,3% das pessoas que anteriormente praticavam uma religião várias vezes por semana passaram mais tempo nas suas práticas e, curiosamente, a observância religiosa também aumentou entre as pessoas que só a tinham praticado uma vez em vários anos (15,9%), e entre as que nunca a tinham praticado (7,4%)... Em geral, as práticas religiosas aumentaram durante o confinamento da primavera na Polónia. Embora seja pouco provável que este aumento seja duradouro, as mudanças na religiosidade provocadas pelo Covid-19 parecem ser um fenómeno real”.⁷¹

De la Supervivencia a la Misión (Da Sobrevivência à Missão), uma série de encontros online de líderes evangélicos espanhóis para refletir sobre o efeito da pandemia, observou tanto os efeitos positivos como os negativos da Covid-19.⁷² Durante o confinamento, algumas pessoas que se tinham desligado da igreja voltaram a envolver-se com ela através de cultos online, mas também observaram que alguns membros anteriormente ativos tinham ficado completamente desligados. Muitos deles não regressaram quando retomados os cultos cara a cara. Informalmente, a percentagem daqueles que podem ter falhado durante o ano passado pode atingir os 30%. Alguns podem ainda temer reuniões presenciais, e podem acabar por regressar, mas a pandemia acabou com todos os tipos de hábitos, incluindo os espirituais. Só o tempo vai dizer se provou ser um acelerador da secularização ou da dessecularização ou, mais provavelmente com base no que escrevi acima, ambos.

2.2 Islão

O relatório de 2017 do Pew Research Centre, *Europe's Growing Muslim Population*,⁷³ estima que um em cada vinte europeus se identifique como “muçulmano”, o que dá uma população total de cerca de 26 milhões (Figura



⁷⁰ Molteni, F., (2020) Searching for comfort in religion: insecurity and religious behaviour during the COVID-19 pandemic in Italy, *European Societies*, Vol 22, Issue 4, <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14616696.2020.1836383>, Consultado a 19/3/2021

⁷¹ Boguszewski, et al. (2020) The Covid-19 Pandemic's Impact on Religiosity in Poland, *Religions* 11(12), p. 646 <https://www.mdpi.com/2077-1444/11/12/646>, Consultado a 19/3/2021

⁷² Alianza Evangélica Española, De la Supervivencia a la Misión, 16/12/2020 <https://alianzaevangelica.es/wp-content/uploads/RESUMEN-CONSULTA.pdf>, Consultado a 21/6/2021

⁷³ Pew Research, Europe's Growing Muslim Population, 29/11/2017, <https://www.pewforum.org/2017/11/29/europes-growing-muslim-population/> Consultado a 19/3/2021

8). Deve dizer-se que a definição da Europa do Pew inclui apenas os 28 estados-membros da UE mais a Noruega e a Suíça, e não inclui os requerentes de asilo ou as grandes populações muçulmanas nos Balcãs.

Talvez a parte mais interessante do relatório sejam as projeções das populações muçulmanas na Europa em 2050 sob vários cenários. Sob o cenário de migração zero, não haveria migração para ou da Europa. No cenário de migração média, a migração regular continua, mas o fluxo de refugiados cessa. No cenário de migração elevada, os padrões de chegada típicos do período entre 2014 e meados de 2016 são prolongados, bem como a migração regular.

O crescente número de muçulmanos na Europa, combinado com a diminuição da população não-muçulmana (como descrito no ponto 2.3 acima), deverá resultar numa maior percentagem de muçulmanos entre a população europeia em qualquer um dos três cenários. Mesmo que todos os países fechassem as suas fronteiras a qualquer outra migração (cenário de migração zero), ainda se estima que a percentagem de muçulmanos na população dos 30 países aumente de 4,9% em 2016 para 7,4% em 2050.

No cenário de migração média, esta percentagem aumentaria para 11,2% da população até 2050, e se o fluxo de refugiados continuasse ao mesmo ritmo que em 2014 e 2015, atingiria 14%. Mesmo dentro do cenário mais provável de migração média, muitos países deverão registar um aumento significativo da sua população muçulmana: Suécia (+12%), Reino Unido (+10%), Finlândia (+9%), Noruega (+8%), Itália (+8%) e Bélgica (+7%).

O problema com todas estas estatísticas é que elas juntam todos os muçulmanos. Aqui não estamos apenas a falar das diferenças entre as diferentes opções dentro do Islão (sunitas, xiitas, ahmadiyya, etc.), mas sim das suas diferentes experiências de vida. Existe uma diferença abismal entre um muçulmano indígena dos Balcãs e um refugiado ou requerente de asilo da Síria, Irão ou Iraque. Esta experiência é também diferente das comunidades de segunda ou terceira geração da Argélia, Paquistão ou Bangladesh, por exemplo, que encontramos em muitos países europeus. Depois, claro, temos as histórias incríveis dos crentes de origem muçulmana, que vêm a Cristo em número extraordinário (especialmente os iranianos), e cujo número se prevê que aumente.

Finalmente, é importante notar que estas são estatísticas nacionais. As comunidades da diáspora tendem a agrupar-se, e os muçulmanos não são exceção. Há cidades como Birmingham, Bruxelas, Marselha ou Haia, que têm populações muçulmanas maiores do que a média nacional, e áreas dentro de algumas cidades onde a percentagem é ainda mais elevada. Nestas áreas, a influência muçulmana pode ser muito forte, mesmo dominante.

Resumindo, precisamos de grande sabedoria para interpretar estas estatísticas.

Impacto da Covid-19

O impacto da pandemia nas reuniões cristãs foi sentido também nas comunidades muçulmanas. As orações de sexta-feira, a observância do Ramadão e a peregrinação a Meca foram seriamente afetadas, o que acelerou a emergência do Islão Virtual, onde orações e sermões são transmitidos pela Internet, tal como têm sido em muitas igrejas. Os estudiosos muçulmanos levantaram questões sobre a legitimidade das práticas religiosas online, a validade das orações virtuais de sexta-feira e se as vacinas seriam halal ou não. Como diz um estudioso islâmico: “Em alguns sentidos, este é um momento transformador, porque o grupo governante e tradicional dentro do Islão tem de se adaptar rapidamente à modernidade no seu sentido mais amplo, não só por causa da Covid-19, mas também por causa de onde se encontra a sociedade humana.”⁷⁴

2.3 Reevangelização

A secularização e a dessecularização, bem como o crescimento do Islão, não são as únicas características do contexto espiritual europeu. Uma reevangelização extraordinária do nosso continente está hoje a ter lugar.

⁷⁴ Salaam Gateway, Virtual Islam, 15/12/2020, <https://www.salaamgateway.com/story/in-2020-as-more-of-life-wentonline-we-started-asking-what-are-the-limits-to-virtual-islam>, Consultado a 22/5/2021

Podem ser identificadas três dimensões: igrejas da diáspora, movimentos e plataformas de plantação de igrejas e a geração seguinte.

2.3.1 Igrejas da diáspora

Já destacamos a migração como um fator social importante no contexto europeu global. Como tem feito ao longo da história, Deus está a usar pessoas em movimento para reevangelizar o continente da Europa.

Chamei a esta secção “igrejas da diáspora” porque creio ser a melhor forma de descrever o complexo fenómeno das igrejas na Europa que surgiram devido à migração de cristãos doutros lugares, seja nesta ou em gerações anteriores. Em termos precisos, uma diáspora é uma população que se dispersou, mas mantém ligações linguísticas, culturais e outras com a sua pátria. Alguns preferem falar de “igrejas étnicas” ou “igrejas migrantes”, mas estas expressões são ainda mais problemáticas. É prejudicial classificar as pessoas com base na sua etnia, e continuar a utilizar a língua das “igrejas migrantes” quando os membros dessas igrejas são os netos dos migrantes, e não os próprios migrantes, é ainda mais prejudicial. Sim, é verdade que nem todos os migrantes são “diáspora”; alguns assimilam o seu novo país e aderem às igrejas existentes. No entanto, onde existem diferenças culturais muito significativas, o termo “igreja da diáspora” admite as distinções essenciais de “lugar de origem”, sem preconceitos.⁷⁵

É de notar que as igrejas da diáspora não têm nada de novo na Europa. As igrejas da diáspora europeia fazem parte da história do continente. Muitas vilas e cidades em toda a Europa têm comunidades da diáspora de grande dimensão e igrejas históricas da diáspora. Mesmo nos últimos anos, a migração este-oeste na Europa levou ao surgimento de muitas igrejas romenas em Espanha, ou de igrejas polacas no Reino Unido, por exemplo. Embora muitas destas igrejas sejam pequenas, algumas, como a Igreja de Betânia, uma igreja romena em Dublin, na Irlanda, cresceram ao ponto de estarem a construir enormes instalações de culto multifuncionais.⁷⁶ Contudo, é a migração do mundo maioritário⁷⁷ que está a produzir o número mais notável de novas igrejas da diáspora a serem fundadas, atualmente, em toda a Europa.

Nos últimos trinta anos, os emigrantes latino-americanos plantaram centenas de igrejas em Espanha, Portugal e outros lugares. É difícil encontrar uma grande cidade europeia que não tenha uma grande congregação de língua espanhola ou uma congregação brasileira. Da mesma forma, as igrejas chinesas estão em todo o lado. A *Chinese Overseas Christian Mission* tem mais de 120 congregações de língua chinesa no Reino Unido e outras 150 no resto da Europa, embora este número seja apenas uma fração do número de igrejas que realmente existem.⁷⁸

No entanto, as igrejas mais numerosas são as dos negros africanos. Só na Grã-Bretanha, as igrejas pentecostais de origem africana são milhares. A *Redeemed Christian Church of God* tem mais de 750 congregações, e continua a estabelecer 25 igrejas por ano na Grã-Bretanha.⁷⁹ E esta é apenas uma das muitas denominações: *Church of Pentecost*, *Christ Embassy*, *Christ Apostolic Tabernacle*. Se tiver uma população africana na sua cidade, terá quase de certeza uma igreja da diáspora africana, mesmo que não a conheça.

⁷⁵ Wan, Diaspora Missiology, Global Missiology, 7/2017,

<http://ojs.globalmissiology.org/index.php/english/article/view/303/848>, Consultado a 18/6/2021

⁷⁶ Betania Dublin, <https://www.youtube.com/watch?v=Jcg-E8HBaX0>, Consultado a 18/6/2021

⁷⁷ Neste relatório, optei por utilizar o termo “mundo maioritário” para me referir coletivamente a África, Caraíbas, Ásia e América do Sul. Alternativas como “terceiro mundo”, “mundo em desenvolvimento” e “economias emergentes” têm uma conotação de inferioridade. O termo “sul global” é menos problemático, mas nem todos estes países se encontram no hemisfério sul, e o hemisfério sul inclui outros países que não são considerados “sul global”, como a Austrália e a Nova Zelândia. Pelo menos, o “mundo maioritário” refere-se a uma realidade demográfica, dado que a maioria da população mundial está concentrada nestas áreas. No final, deixei os líderes da diáspora terem a última palavra, uma vez que se agruparam sob este rótulo: Centro de Missionários do Mundo Maioritário. <https://cmmw.org.uk/> Consultado a 25/6/2021

⁷⁸ Chinese Overseas Christian Mission, <https://www.cocm.org.uk/churches> Consultado a 22/5/2021

⁷⁹ Kwiyani (2017), “Blessed Reflex: African Christians in Europe”, *Missio Africanus*, Vol 3, Issue 1, 2017 <https://decolonisingmission.com/wp-content/uploads/2019/05/Harvey-Kwiyani-Blessed-Reflex-African-Christians-in-Europe.pdf>, Consultado a 20/5/21

Embora as estatísticas sejam promissoras, a presença de igrejas da diáspora na Europa não conduz automaticamente à reevangelização efetiva da Europa, como observou Kwiyani:

Até agora, as igrejas africanas na Europa só têm tido sucesso na evangelização de companheiros africanos. Uma pequena parte deles também fez alguns progressos na aproximação aos europeus. Muitos dizem que é demasiado complicado alcançá-los. Muitos disseram-me: “Obriga-nos a fazer as coisas de forma diferente, e isso é demasiado desconfortável”. Quando dizem “fazer as coisas de forma diferente” significam atividades tais como ter cultos mais curtos ou ter de aceitar evangelismo relacional. Para os pastores que querem participar ou tentar participar em missões aos europeus, a sua presença na Europa leva-os a acreditar que têm de ser missionários dos europeus. Como tal, tentam contextualizar os seus ministérios aos europeus sem grande sucesso. A maioria carece da formação que lhes permitiria compreender que forma deve assumir a missão transcultural aos europeus.⁸⁰

Israel Olofinjana, outra autoridade nas igrejas da diáspora africana no Reino Unido, é mais esperançoso quando diz que “há provas, embora pequenas, de que alguns conseguiram chegar aos Europeus de várias formas.”⁸¹ Contudo, nem toda a responsabilidade por este fracasso deve recair sobre os líderes das igrejas da diáspora. Muitas igrejas nativas europeias têm-se mostrado relutantes ou incapazes de ajudar os cristãos da diáspora a alcançar a população local. Voltarei a esta questão mais tarde neste relatório.

No entanto, a fraqueza das igrejas históricas em muitos países europeus tem gerado a necessidade e o desejo de colaboração. Além disso, à medida que os cristãos da segunda e terceira gerações em diáspora chegam à liderança, procuram cada vez mais plantar igrejas transculturais que têm um tempo mais fácil de alcançar os europeus nativos. O historiador missionário Andrew Walls observou que “o movimento do cristianismo é uma expansão sequencial, não progressiva,”⁸² que está a declinar no centro, mas a crescer rapidamente na periferia. É bem possível que o futuro da igreja na Europa dependa da emergência de um genuíno cristianismo intercultural europeu.⁸³

Impacto da Covid-19

De certa forma, o impacto da pandemia da Covid-19 nas igrejas da diáspora na Europa foi menor do que o experimentado pelas igrejas nativas. Por definição, as igrejas da diáspora permanecem ligadas às suas comunidades de origem. Muitos fazem parte de redes eclesiais onde pastores sénior vivem em Nairobi, Hong Kong ou Bogotá. Há muitos anos que se ligam de forma transcontinental e participam em reuniões virtuais nas suas igrejas de origem.

De outras formas, no entanto, o impacto da Covid-19 nas igrejas da diáspora foi mais severo. Estudos realizados no Reino Unido concluíram que pessoas de minorias étnicas estavam em maior risco de morrer de Covid-19 devido à sua concentração em profissões de alto risco (em setores de cuidados de saúde), à dependência dos transportes públicos e à relutância em insistir em cuidados e equipamento de proteção individual.⁸⁴

⁸⁰ Ibid., 45

⁸¹ Olofinjana, comunicação pessoal, 21/5/2021

⁸² Walls, The Expansion of Christianity: An Interview with Andrew Walls, Religion Online, 2000, <https://www.religion-online.org/article/the-expansion-of-christianity-an-interview-with-andrew-walls/>, Consultado a 18/6/2021

⁸³ Moyo, An Intercultural Church Perspective on Mission in Europe, Lausanne Europe Conversation, 9/2020, <https://www.lausanneeurope.org/an-intercultural-church-perspective-on-mission-in-europe/> Consultado a 18/6/2021; Memory, God’s New Society: Multicultural Churches in Today’s Europe, Vista 26, 1/2017, <https://static1.squarespace.com/static/5e3426c42a9bf131f7073b78/t/5e35ab52216623779652bf29/1580575579495/vista+issue+26+january+2017.pdf>, Consultado a 18/6/2021

⁸⁴ Public Health England, Beyond the data: understanding the impact of Covid-19 on BAME groups, 6/2020, https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/892376/COVID_stakeholder_engagement_synthesis_beyond_the_data.pdf Consultado a 1/5/2021

Os impactos económicos também foram sentidos de forma mais severa por eles. Além disso, a sua experiência de participação na igreja é mais intensamente comunitária do que a dos nativos europeus mais individualistas, pelo que a perturbação da Covid-19 tem um forte impacto no seu bem-estar espiritual e mental.

Mais positivamente, há sinais de que a diáspora e os líderes das igrejas nativas europeias em cidades de todo o continente têm-se apoiado umas às outras. Estas ligações podem revelar-se um importante estímulo para uma maior colaboração no futuro.

2.3.2 Movimentos de plantação de igrejas

Há dez anos, o Nova Research Centre, com sede no Redcliffe College, tentou tomar o pulso da plantação de igrejas na Europa. Uma das descobertas mais marcantes da investigação foi o número de organizações envolvidas, de uma forma ou de outra, na plantação de igrejas (342) e, como um relatório afirmou, isto representa apenas “a ponta do icebergue”. Juntamente com as numerosas agências missionárias internacionais da lista estavam muitas redes de denominações ou igrejas que procuravam plantar igrejas na sua própria nação e por vezes no estrangeiro: “igrejas batistas, sindicatos e missões eram 50, igrejas evangélicas 31, igrejas metodistas 18, e da Igreja de Inglaterra havia 13. As alianças evangélicas nacionais também apareceram 8 vezes.”⁸⁵

Desde então, a plantação de igrejas acelerou em toda a Europa, em parte devido ao surgimento de plataformas nacionais de plantação de igrejas. A visão do CNEF (Conselho Nacional dos Evangélicos Franceses)⁸⁶, com o mote “1 pour 10.000”, ou seja, uma igreja evangélica para cada dez mil pessoas, estimulou a plantação de igrejas em França e, nos últimos anos, assistiu ao aparecimento de uma nova igreja a cada sete dias. Plataformas semelhantes surgiram em muitos países europeus, algumas como resultado de processos para facilitar a plantação de igrejas, tais como M4 e Multiplication Network,⁸⁷ outras como resultado de indivíduos catalisadores/apostólicos, tais como Relational Mission⁸⁸ ou Lausanne Catalyst for Church Planting⁸⁹ e outras graças a redes internacionais tais como City-to-City⁹⁰ ou Acts29.⁹¹ Em qualquer caso, o encontro que teve lugar em Berlim em 2018, onde participaram 170 líderes de plataformas de quase 30 países, assinalou a introdução de uma nova dinâmica na Europa: os Processos Nacionais de Plantação de Igrejas (NC2P).⁹²

Iniciativas de plantação de igrejas denominacionais, tais como o projeto Visión Alcance 2020 das Assembleias de Deus em Espanha⁹³, ou a Mission Partnerships da Federação Baptista Europeia⁹⁴, levaram à plantação de centenas de igrejas nos últimos anos. As agências missionárias centradas na plantação de igrejas como a European Christian Mission (ECM), Greater Europe Mission (GEM), Operation Mobilisation (OM) e a Communitas continuam a desempenhar um papel no início de novas comunidades Cristãs, muitas vezes em parceria com igrejas nacionais.⁹⁵ Seria um esquecimento não mencionar a importância dos centros de multiplicação de igrejas, tais como o Institute for Evangelism and Church Development na Alemanha e o Gregory Centre em Londres, ou de eventos como o European Leadership Forum.⁹⁶ E as redes ICP e Mosaik⁹⁷ estão a plantar igrejas explicitamente para diferentes grupos étnicos.

Além da plantação de igrejas, assistimos ao aparecimento de novas formas de comunidade Cristã que nem sempre funcionam como igrejas convencionais. Podem ser chamadas “novas expressões”,⁹⁸ comunidades missionais ou podem não se enquadrar em qualquer classificação, mas a inovação de novas comunidades de

⁸⁵ Jackson and Herbert (2012), *Missions and Church Planting in Europe*, Eurochurch.net p.iii

⁸⁶ Conseil National des Évangéliques de France, <https://www.lecnef.org/page/170867-le-cnef>

⁸⁷ M4 <https://m4europe.com/>; Multiplication Network <https://www.multiplicationnetwork.org/>

⁸⁸ Relational Mission <https://www.relationalmission.org/>

⁸⁹ Lausanne Movement, Church Planting Catalyst <https://lausanne.org/networks/issues/church-planting>

⁹⁰ City to City <https://www.citytocityeurope.com/>

⁹¹ Acts29 <https://www.acts29.com/>

⁹² NC2P, <http://nc2p.org/>

⁹³ Asambleas de Dios de España, <https://visionalcance2020.asambleasdedios.es/>

⁹⁴ European Baptist Federation, <http://www.ebf.org/mp>

⁹⁵ ECM www.ecmi.org; GEM <https://gemption.org/>; Operation Mobilisation <https://www.om.org/ca/en/region/europe>; Communitas <https://gocommunitas.org/>

⁹⁶ IEEG <https://ieeg.uni-greifswald.de/en/>; GCCM <https://ccx.org.uk/>; ELF <https://euroleadership.org/>

⁹⁷ ICP Network <https://icpnetwork.eu/>; Mosaik Network <https://mosaikkirche.jimdofree.com/englisch/>

⁹⁸ Fresh Expressions <https://freshexpressions.org.uk/>

seguidores de Jesus alcançando aqueles que podem nunca estar integrados nas igrejas “tradicionais” é uma das formas pelas quais o Espírito Santo renova e aumenta a igreja na Europa. Há também movimentos de discipulado como The Navigators, The Turning ou Go Movement, que se concentram no evangelismo e no discipulado de novos Cristãos.⁹⁹ Em conclusão, a reevangelização da Europa através de movimentos de plantação de igrejas tem muitos participantes.

Impacto da Covid-19

Claramente, a Covid-19 teve um impacto drástico na vida eclesiástica e na plantação de novas igrejas em toda a Europa. Muitos pastores morreram: só na Ucrânia foram 60 segundo algumas evidências.¹⁰⁰ Muitos projetos foram colocados em espera e, para muitos pequenos plantadores de igrejas, este último ano foi especialmente difícil. No entanto, a necessidade de construir a comunidade cristã de novas formas forçou muitas igrejas (incluindo novos plantadores de igrejas) a renunciar à sua dependência de edifícios. Esta inovação imposta pode, eventualmente, revelar-se uma parte da forma como Deus está a renovar a Sua igreja na Europa.

Como muitos outros, os líderes da NC2P tiveram de cancelar a sua conferência *Exponential Europe* para 2020, mas as plataformas nacionais de plantação de igrejas são redes, pelo que rapidamente transformaram o evento numa mesa-redonda virtual para 100 cidades na Europa.¹⁰¹ As conferências virtuais e/ou híbridas serão, provavelmente, o futuro, permitindo uma colaboração mais dinâmica do que nunca para a reevangelização da Europa.

O impacto a longo prazo da pandemia sobre a forma das igrejas do amanhã tornar-se-á mais claro nos próximos anos. A flexibilidade e a falta de infraestruturas das comunidades missionárias permitiu-lhes adaptarem-se mais rapidamente à nova realidade, mas também sofreram alguns dos mesmos problemas que as igrejas da diáspora, em termos da perda de uma forte vida comunitária. No entanto, existe a esperança de que, ao longo deste último ano, todos os tipos de igrejas tenham aprendido lições vitais sobre a verdadeira essência da comunidade cristã.

2.3.3 A próxima geração

Em maio de 2018, Steven Bullivant, professor na Universidade St Mary's de Londres, publicou uma análise das atitudes religiosas de muitos jovens de 16-29 anos de toda a Europa. Descobriu que 70% dos jovens britânicos dizem não ter “nenhuma religião”, mas essa foi apenas a quinta percentagem mais elevada, atrás dos Países Baixos (72%), Suécia (75%), Estónia (80%) e República Checa (91%). No que diz respeito a Bullivant, “o Cristianismo por defeito, normativo, desapareceu, e é pouco provável que volte... pelo menos durante os próximos cem anos.”¹⁰²

No entanto, Deus está a levantar uma nova geração de seguidores de Jesus que aceitaram o desafio de alcançar a juventude secularizada na Europa. Grande parte desta atividade tem lugar em ministérios de jovens das igrejas locais em todo o continente, por vezes apoiadas por organizações como *Josias Venture*,¹⁰³ que cooperam com igrejas em toda a Europa Central e Oriental.

Alguns ministérios paraeclesiásticos têm-se concentrado na próxima geração há décadas, como a YWAM, The Navigators e a IFES Europe, para mencionar apenas três.¹⁰⁴ Em anos mais recentes, novos movimentos¹⁰⁵ como o 24/7 Prayer ou Steiger trouxeram nova energia e novas ideias ao processo de alcançar “a cultura mais

⁹⁹ The Turning <http://theturning.eu/>; Go Movement <https://www.gomovement.world/en>; The Navigators <https://www.navigators.org/navigators-worldwide/>

¹⁰⁰ Kool (2021), comunicação pessoal.

¹⁰¹ Exponential Europe, <https://exponential.eu/>

¹⁰² Bullivant (2018), Europe's Young Adults and Religion, <https://www.stmarys.ac.uk/research/centres/benedict-xvi/docs/2018-mar-europe-young-people-report-eng.pdf>, Consultado a 19/3/2021

¹⁰³ Josiah Venture <https://www.josiahventure.com/>

¹⁰⁴ YWAM <http://www.ywam.eu/>; IFES Europe <https://ifesworld.org/en/region/europe/>

¹⁰⁵ 24/7 Prayer <https://www.24-7prayer.com/>; Steiger <https://steiger.org/>

ampla não alcançada: a juventude do mundo.”¹⁰⁶ Há também iniciativas carismáticas como Awakening Europe, Holy Spirit Nights e The Send, que encorajam a juventude da Europa a procurar o reavivamento.¹⁰⁷

Em apoio a tudo isto, a Youthscape está a realizar uma investigação pioneira sobre ministério com jovens, tendo sido aberto um novo centro para este tema de investigação na Free Theological University, em Giessen, na Alemanha.¹⁰⁸

Impacto da Covid-19

Mesmo antes da pandemia começar, a Organização Mundial de Saúde relatou “uma elevada e crescente taxa de problemas de saúde mental e comportamental entre adolescentes... 29% das raparigas de 15 anos e 13% dos rapazes da mesma idade nos países Europeus relatam ‘sentir-se em baixo’ mais de uma vez por semana.”¹⁰⁹ O relatório também descobriu que o suicídio foi a causa predominante de morte entre adolescentes (10-19 anos) em países de rendimento baixo e rendimento médio, e a segunda principal causa em países de rendimento alto em toda a Europa.

O impacto da Covid-19 na geração seguinte já foi imenso, e poderá ter consequências durante décadas. Em educação, as aulas escolares e universitárias foram interrompidas, em alguns casos durante semanas ou meses, e muitas das suas disciplinas são ensinadas online. O longo rasto da última recessão significa que muitos jovens europeus têm, na melhor das hipóteses, um emprego precário, e a pandemia só piorou a situação. As suas perspetivas de emprego, a esperança de se emanciparem dos pais e de constituírem família parecem estar perdidas no horizonte. Não surpreendentemente, toda esta perturbação e incerteza é um peso na saúde mental dos jovens.¹¹⁰

Mais positivamente, os jovens são os “nativos digitais”, mais bem colocados para tirar o máximo partido da sua capacidade de tecnologia num mundo pós-pandémico. Também acharam mais fácil relacionarem-se online do que os adultos. Na maioria dos casos, os líderes de ministério de jovens não tiveram qualquer problema em transferir as suas atividades para o formato online, mas mesmo isto apenas sublinhou o que se tinha perdido durante o confinamento. Como afirmou um líder de jovens num artigo discutindo o impacto da Covid-19 na juventude: “Se não nos visitarmos uns aos outros ou nos encontrarmos em qualquer lado, teremos perdido esta atual geração na igreja.”¹¹¹

A Covid-19 levantou enormes questões para aqueles que estão a pensar profundamente na formação da fé entre a juventude europeia. No entanto, como observa Phoebe Hill da Youthscape, talvez pela primeira vez em várias gerações a igreja não esteja a ficar para trás:

Tenho a sensação de que temos esta narrativa de que “a Igreja sempre esteve atrás da cultura”, sempre foi lenta a reagir, lenta a adaptar-se... desta vez, temos de ser diferentes, abraçar a tecnologia, abraçar a vida digital, estar à frente da curva.¹¹²

¹⁰⁶ Greenwood, Global Youth Culture, Steiger International, 2019

¹⁰⁷ Awakening Europe <https://www.awakeningeurope.com/> Holy Spirit Nights <https://holyspiritnight.com/> The Send <https://thesend.no/en/>

¹⁰⁸ Youthscape <https://www.youthscape.co.uk/>; Free Theological University Giessen <https://www.fthgiessen.de/>

¹⁰⁹ World Health Organization, Adolescent mental health in the European Region, 2018, https://www.euro.who.int/data/assets/pdf_file/0005/383891/adolescent-mh-fs-eng.pdf, Consultado a 18/6/2021

¹¹⁰ New Europe, COVID-19 lockdowns taking a heavy toll on the mental health of young people 8/1/2021, <https://www.neweurope.eu/article/covid-19-lockdowns-taking-a-heavy-toll-on-the-mental-health-of-young-people/> Consultado a 19/3/2021

¹¹¹ Rodemann (2020), Mission in a Covid Crisis: Youth Implications, WEA Mission Commission, 6/8/2020, <https://weamc.global/covid-youth/> Consultado a 19/3/2021

¹¹² Hill (2020), Time for Tech? Youthscape Blog, 1/12/2020, <https://www.youthscape.co.uk/research/news/time-fortech>, Consultado a 13/3/2021

3

Tendências na missão

3.1 O quê? Missão redefinida

Usamos palavras para comunicar, mas muitas vezes não temos consciência de como o seu significado muda com o tempo. Quando falamos de ‘missão’, assumimos um significado que remonta aos apóstolos, mas na realidade o termo só veio a ser utilizado em referência à propagação da fé cristã no século XVI.¹¹³ Além disso, como descreve o livro *Transforming Mission*, de David Bosch, a compreensão da missão por parte da Igreja sofreu pelo menos seis mudanças de paradigma ao longo dos últimos dois mil anos. Um destes novos paradigmas de missão surgiu no nosso próprio tempo quando, “durante cerca de meio século, houve uma mudança subtil, mas ainda assim decisiva no sentido de compreender a missão como a missão de Deus.”¹¹⁴ Hoje em dia, a missão é muitas vezes definida como a participação na missão do Deus Trino ou, como diz Kirsteen Kim, “parceria com o Espírito”.¹¹⁵

A transformação do paradigma da missão ao longo dos últimos cinquenta anos tem muitas dimensões. Durante o Congresso de Lausanne sobre a Evangelização Mundial, em 1974, o falecido missiólogo latino-americano René Padilla questionou a dicotomia entre evangelismo e ação social dentro do conceito evangélico de missão que se tinha desenvolvido em meados do século XX.¹¹⁶ Como ele disse noutra lugar:

A proclamação do evangelho (*kerygma*) e a demonstração do evangelho em serviço (*diakonia*) constituem um todo indivisível. Um sem o outro oferece um evangelho incompleto, mutilado e, conseqüentemente, contrário à vontade de Deus. Deste ponto de vista, é absurdo perguntar qual é a importância relativa do evangelismo e da responsabilidade social. Isto seria como perguntar qual a importância relativa da asa direita e da asa esquerda de um avião.¹¹⁷

Este argumento, de que evangelismo e responsabilidade social são aspetos essenciais do evangelho cristão, viu a expressão espanhola “*misión integral*” ser incorporada no idioleto da missão. Embora o conceito de missão integral não seja aceite por todos os evangélicos,¹¹⁸ a missão é amplamente entendida como uma atividade que inclui servir os pobres, falar sobre questões de justiça e cuidar do ambiente. Infelizmente, há momentos em que é a proclamação do evangelho que fica de fora.

Durante as décadas de 1980 e 1990, Lesslie Newbigin colocou um novo desafio aos envolvidos em missões no Ocidente. Argumentou que a igreja precisava de repensar como transmitir o evangelho nas culturas ocidentais seculares; que a realidade da Europa pós-cristã exige que pensem como missionários tentando alcançar a sua própria cultura.

Em última análise, isto levou à invenção de uma nova palavra, “missional”, e uma nova definição de missão: “missão não é algo que a igreja faz como uma atividade; é o que a igreja é.”¹¹⁹ Assim, hoje somos desafiados a viver um modo de vida missionário, onde a proclamação e demonstração do

¹¹³ Bosch (1991) *Transforming Mission*, Orbis: Maryknoll, 1

¹¹⁴ *Ibid.*, 389

¹¹⁵ Kim (2009), *Joining in with the Spirit: Connecting World Church and Local Mission*, SCM Press: London

¹¹⁶ Padilla (1974) *Evangelism and the World*, LCWE, <https://lausanne.org/content/evangelism-and-the-world>, Consultado a 20/5/21

¹¹⁷ Padilla (1970) *Teología Latinoamericana: ¿Izquierdista o Evangélica?*, *Pensamiento Cristiano* xvii/66 (1970), 133–40

¹¹⁸ DeYoung and Gilbert (2011), *What is the Mission of the Church?* Crossway: Wheaton

¹¹⁹ Roxburgh and Boren (2009), *Introducing the Missional Church*, Baker: Grand Rapids, 45

evangelho é posta em prática seja qual for o nosso trabalho. A missão já não é apenas o que acontece em partes remotas do mundo, mas é um discipulado para toda a vida aqui e agora, ou pelo menos deveria ser.

Paralelamente a esta reflexão sobre a prática missionária, tem havido também uma meditação mais profunda sobre a teologia da missão. A obra-prima de Chris Wright, *The Mission of God*, propôs-se demonstrar que o mandato da missão não se encontrava apenas na Grande Comissão de Mateus 28, mas em toda a Bíblia, desde Génesis até Apocalipse.¹²⁰ A *missio Dei* é-nos revelada através de toda a Escritura, e por isso toda a prática missionária, desde plantação de igrejas, cuidado da criação, luta por justiça, até ao ministério de jovens, flui a partir disso.

Finalmente, qualquer discussão sobre conceitos contemporâneos de missão deve ter em conta a crítica de Michael Stroope. A sua tese, que ele defende de forma convincente no seu trabalho *Transcending Mission*, é a seguinte:

Missão, concebida e desenvolvida na era moderna, é em si mesma uma linguagem inadequada para a igreja na nossa era. Em vez de uma missão reabilitativa ou redentora, precisamos de transcender a sua retórica, a sua prática e o seu paradigma do mundo. A nossa tarefa é transcender a missão.¹²¹

Stroope levanta questões importantes sobre o colonialismo latente que condiciona o discurso e as estruturas da missão moderna, e argumenta que devemos conceber a missão em termos da linguagem mais bíblica do testemunho de peregrinação.

Embora o argumento de Stroope seja radical, ao chegarmos ao fim desta secção, faríamos bem em aceitar o seu desafio. A linguagem que usamos molda as nossas ideias, a nossa identidade e o nosso propósito. Como a migração para e dentro da Europa altera a face da igreja, precisamos, possivelmente, de uma nova linguagem de missão para assimilar verdadeiramente o que Deus está a fazer no nosso meio.

Impacto da Covid-19

Provavelmente é demasiado cedo para comentar o impacto da Covid-19 na nossa compreensão da missão, mas podemos fazer algumas observações. A pandemia interrompeu os nossos padrões de culto e comunhão, mas não alterou a essência do que é a igreja e o trabalho de missão. Centra-se nos discípulos que seguem fielmente Cristo em todas as esferas da vida, e nas comunidades de seguidores de Jesus que, juntos, dão testemunho da sua vida, morte e ressurreição. Somos chamados a segui-Lo como discípulos ao longo da vida, e a reunir-nos e avançar como comunidades de testemunhas. Nada disto requer um edifício. Como diz Jason Mandryk da *Operation World*: “A Covid-19 está a demonstrar em todo o mundo que a essência da Igreja não se encontra em estruturas físicas, mas em pessoas que vivem de acordo com a Sua Palavra e cheias do Seu Espírito.”¹²²

Alguns perguntam-se se faz realmente sentido ter investido tanto dinheiro em grandes edifícios. No mínimo, as restrições ao agrupamento social forçaram muitas igrejas a pensar em como fazer funcionar as reuniões de pequenos grupos, e não apenas as grandes. O alcance e o evangelismo devem continuar, mas a nossa adesão a meios mais digitais é tanto uma oportunidade como uma ameaça. Podemos ter a oportunidade de alcançar virtualmente mais pessoas, de envolver mais pessoas nas nossas reuniões virtuais, mas isso constitui comunidade e discipulado? E como é o discipulado no local de trabalho, num mundo pós-pandémico, onde muitos já não vão ao escritório cinco dias por semana?

A pandemia da Covid-19 é uma oportunidade para as igrejas e agências missionárias europeias refletirem profundamente, mais uma vez, sobre o significado da missão no mundo atual.

¹²⁰ Wright (2006), *The Mission of God*, IVP: Nottingham

¹²¹ Stroope (2017), *Transcending Mission: The Eclipse of a Modern Tradition*, IVP Academic: Grand Rapids, 26

¹²² Mandryk (2020), *Global Transmission Global Mission*, *Operation World*, 29, <https://operationworld.org/wp-content/uploads/2021/02/Global-Transmission-Global-Mission.pdf> Consultado a 22/5/2021

3.2 Onde e quem? Missão relocada

O século XX testemunhou uma grande mudança na localização das missões. Em 1910, mais de 80% dos cristãos do mundo vieram do Norte global. Atualmente, 85% de todas as pessoas, e 66% de todos os cristãos, estão no mundo maioritário. Nos dias de hoje, menos de um cristão em cada quatro está na Europa.¹²³

O local onde a missão tem lugar, e quem a realiza, sofreu uma transformação completa. Já se foram os dias de “do Ocidente para o resto”. Como diz Dana Roberts: “No final do século XX, o desenvolvimento mais significativo na estrutura das missões não foi o fim do movimento missionário, mas a sua transformação numa rede multicultural e multifacetada.”¹²⁴ Hoje em dia, a missão mundial é policêntrica, polidirecional e polifônica. Vivemos numa era de cristianismo global em que a missão é “feita por todos em todo o lado.”¹²⁵

Na Europa, há ainda muitos países em que o número de cristãos evangélicos está a diminuir. Há ainda necessidade de plantação de igrejas pioneiras, e as agências missionárias que enviam plantadores de igrejas para outros países terão ainda um papel a desempenhar, mas cada vez mais esses plantadores de igrejas pioneiros são missionários nacionais ou da diáspora que já lá vivem. Isto é como deve ser. Como Kim e Kim observam: “o trabalho dos missionários que transmitiram originalmente a mensagem é apenas o catalisador para a atividade local da sua receção, disseminação e transformação num novo contexto cultural e social.”¹²⁶

A nacionalização ou indigenização das atividades missionárias é uma tendência global.¹²⁷ Jay Matenga, diretor executivo da Comissão de Missões da WEA, vai ao ponto de dizer que “o futuro das missões é indígena.”¹²⁸ Alguém que é nativo de um determinado lugar tem uma ligação especial com a localidade e a comunidade. Compreende a cultura, os valores e as convicções partilhadas das pessoas que vivem naquele lugar. Consequentemente, a proclamação e demonstração do evangelho assumirá mais prontamente formas locais. Isto vai além da contextualização de uma mensagem estrangeira. Como Matenga escreve noutro lugar, “a indigenização... permite que o conhecimento de Deus aumente dentro de um grupo de pessoas, governados por eles e pela sua crescente relação com Cristo no seu contexto, em diálogo com a Escritura e com o resto da Igreja global.”¹²⁹

O conceito indígena de missão cristã será intrinsecamente comunitário, controlado pela comunidade local e não sob o domínio de uma igreja ou agência missionária estrangeira. Concentrar-se-á em enviar todo o povo de Deus para onde já estão todos os dias da semana, onde vivem e trabalham, fazem compras e divertem-se. Evidentemente, deve ser equilibrado com um projeto para o mundo. A missão deve chegar “até aos lugares mais distantes do mundo” (Atos 1:8), mas no ponto de contacto, toda a missão é local.

Impacto da Covid-19

O paradigma que concebe a missão como sendo, essencialmente, o envio de missionários de fortalezas cristãs para campos não evangelizados em todo o mundo está a ser substituído por um que destaca a natureza policêntrica da igreja global e a importância do testemunho indígena. Em alguns aspetos, esta mudança não traz nada de novo. O apelo a confiar no Espírito de Deus e permitir que as igrejas indígenas de um país se libertem do controlo externo já é algo que Roland Allen fez há mais de cem anos.¹³⁰ Talvez a Covid-19 nos dê, finalmente, a oportunidade de reinventar a mobilização missionária para o século XXI. Como diz Paul Bendor-

¹²³ Johnson, et. al. (2013), *Christianity in its Global Context, 1970-2020*, Center for the Study of Global Christianity, 6/2013, <https://archive.gordonconwell.edu/ockenga/research/documents/ChristianityinitsGlobalContext.pdf>, Consultado a 20/6/2021

¹²⁴ Robert (2009), *Christian Mission: How Christianity became a world religion*, Wiley-Blackwell: Oxford, 73

¹²⁵ Yeh (2016), *Polycentric Missiology: 21st-Century Mission from Everyone to Everywhere*, IVP Academic: Downers Grove

¹²⁶ Kim and Kim (2016), *Christianity as a World Religion: An Introduction 2nd Ed.*, Bloomsbury: London, 12

¹²⁷ Matenga (2020), WEAMC Leaders Review 2020 No.2, 21/8/2020, <https://weamc.global/lb2020-2/>, Consultado a 20/6/2021

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ Matenga (2021), Post-pandemic Possibilities, 24/4/2021, https://jaymatenga.com/pdfs/MatengaJ_PostPanPoss.pdf, Consultado a 20/6/2021

¹³⁰ Allen (1912) *Missionary Methods: St Paul's or Ours?* Eerdmans: Grand Rapids; Allen (1927) *The Spontaneous Expansion of the Church*, Lutterworth Press: Cambridge

Samuel, “A Covid-19, longe de ser um obstáculo à missão de Deus, pode ser apenas o constrangimento global da indústria missionária de que precisamos, se quisermos repensar a forma como as várias partes do Corpo de Cristo cooperam para apoiar um testemunho fiel, holístico e local.”¹³¹

No caso das agências missionárias na Europa, a Covid-19 destacou algumas das debilidades fundamentais da “nossa maneira de envio”, tais como a nossa dependência de condições geopolíticas favoráveis (livre circulação, vistos, voos baratos e acessíveis, etc.), os nossos modelos dispendiosos de apoio aos missionários (salários, seguro de saúde, educação das crianças, pensões, formação, taxas administrativas, etc.), e a nossa dependência das igrejas que enviam missionários, mas que estão, elas próprias, a passar por mudanças significativas.¹³²

Embora eu afirme que as missões estão a ser realocizadas ou reatribuídas, conforme apropriado para a comunidade cristã indígena local, temos de manter a visão de missão mundial. Deus está a mover-se pelo mundo e ainda há lugares onde o evangelho ainda não chegou, tanto aqui na Europa como fora dela. A Europa ainda tem um papel a desempenhar nas missões mundiais. Grande parte da missão contemporânea tem a ver com trabalho em rede para que os recursos de Deus num lugar possam estender o Seu Reino num outro. Haverá sempre um lugar para o missionário transcultural, mas este não pode ser o modo normal de missão na era do Cristianismo Mundial. Em vez de conceber a missão como “*Todos para toda a parte*”, talvez a Covid-19 nos tenha tornado conscientes de que faríamos melhor em compreendê-la como “*Todos, em toda a parte*”.

3.3 Como? Missão redistribuída

Parte da redefinição da missão, referida acima, é reconceber a missão da igreja como parte da missão de Deus. Como diz Chris Wright, “não é tanto o caso que Deus tenha uma missão para a sua igreja no mundo, mas que Deus tenha uma igreja para a sua missão no mundo.”¹³³

Assim, à medida que nos envolvemos em missão num determinado local, fazemo-lo no entendimento de que Deus já lá está e pode muito bem ter outros que também estejam a participar na Sua missão.

O apóstolo Paulo regozijou-se com os crentes de Filipos por causa da sua cooperação no evangelho (Fp 1:5, ARC). Infelizmente, em versões inglesas, a decisão de traduzir *κοινωνία ὑμῶν εἰς τὸ εὐαγγέλιον* (que diz, literalmente, “comunhão no evangelho”) como “parceria no evangelho” tem os seus problemas. A palavra “parceria” tem conotações legais relacionadas com as “partes” que cada uma concorda em realizar. “Comunhão” é um termo mais amplo e fundamentalmente relacional. Uma parceria é específica, utilitária, contingente e muitas vezes paternalista, com uma parte (geralmente a que administra o dinheiro) a dominar a outra. A história de missões no século XX está repleta de casos lamentáveis de parcerias fracassadas.

Creio que existe uma necessidade de reconceber a parceria como colaboração, uma relação com o outro e com Deus que ecoa os conceitos bíblicos de aliança e companheirismo (*koinonia*). Este tipo de colaboração é uma partilha da missão de Deus que se caracteriza pela reciprocidade e mutualidade e não apenas pelo cumprimento de partes contratuais. Temos de passar de falar de parceria para falar de colaboração, que é muito mais próxima da linguagem de Paulo “colegas de trabalho” ou “companheiros de trabalho” (Rom. 16:21; Fp. 2:25, 4:3; Col. 4:11; 1 Tes. 3:2; Fm. 1:24).

O evangelho de Jesus Cristo é, fundamentalmente, sobre relacionamentos, sobre restaurar o nosso relacionamento com Deus e uns com os outros: “todos os que foram batizados em Cristo revestiram-se das qualidades de Cristo. Não há diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homem e mulher. Agora constituem um todo em união com Cristo Jesus” (Gál. 3:27-28). Somos chamados à união, para deitar abaixo os muros de hostilidade que nos separam, porque a missão cristã é um ministério de reconciliação (2 Cor. 5:18). É triste que, com demasiada frequência nas nossas parcerias, coloquemos o produto, a finalidade, o objetivo ou os resultados antes da relação. Nunca devemos esquecer a ligação entre

¹³¹ Bendor-Samuel (2020), Covid-19, Trends in Global Mission and Participation in Faithful Witness, *Transformation* Vol 37(4) 255-265, <https://doi.org/10.1177%2F0265378820970225>, consultado a 24/6/2021

¹³² Arthur (2020), *The Way Forward*, 37-40

¹³³ Wright (2006), *The Mission of God*, IVP: Nottingham, 62

unidade e missão: “Eu vivo neles e tu vives em mim. Deste modo a sua união será perfeita e o mundo há de saber que me enviaste e que os amas como a mim” (Jo. 17:23).

A Aliança Evangélica Europeia e a Lausanne Europe têm um papel essencial a desempenhar neste processo.¹³⁴ Alcançar os europeus modernos vai exigir que encontremos novas formas de trabalhar em conjunto, transcendendo gerações, barreiras nacionais e culturais, e encontrar formas de cooperação entre os nativos europeus e os líderes das igrejas da diáspora. Precisamos de redistribuição da missão, coligação e partilha da nossa comunidade espiritual. Pois, hoje, somos todos cooperadores de Deus na Sua missão na Europa.

Como diz o missiólogo Andrew Walls:

...As sociedades (missionárias) foram concebidas para o tráfego de sentido único; partiu-se sempre do princípio de que uma parte dava tudo e a outra recebia tudo. Agora, a necessidade desesperada que temos no Ocidente é poder receber, e temos também “a obrigação de usar meios” para partilhar todos os dons que Deus deu ao seu povo.¹³⁵

O desafio colocado por esta redistribuição dos recursos divinos é ilustrado por este comentário de um missiólogo do Leste Europeu:

Vivi num país que recebeu principalmente (missionários), e tentei desafiar a minha nação durante anos para dar e enviar. Agora vivemos no Reino Unido que só envia e não tem competências para receber. Preciso de mudar a minha mensagem para ajudar o Ocidente para saber como receber enquanto ajudar o Oriente a enviar. Trata-se de uma tarefa difícil.¹³⁶

Impacto da Covid-19

A Covid-19 revelou aos cristãos ocidentais a fragilidade da vida que os cristãos no mundo maioritário conhecem tão bem. Embora seja verdade que as comunidades da diáspora têm sido particularmente afetadas pela pandemia, todas as igrejas têm enfrentado desafios. Esta experiência partilhada pode revelar-se um terreno fértil para a cooperação nos anos vindouros.

No entanto, no momento em que começávamos a aceitar o primeiro confinamento devido à Covid-19, o assassinato de George Floyd por um agente da polícia norte-americano provocou um furor global, trazendo a questão da justiça racial à ordem do dia. O legado do colonialismo pode parecer irrelevante para a maioria dos europeus, mas as injustiças e desigualdades que gerou são uma memória recente para muitas comunidades da diáspora. Em muitos países europeus, continuam a sofrer marginalização e, por vezes, racismo flagrante. Como Israel Olofinjana, uma autoridade sobre igrejas da diáspora na Europa, me disse recentemente:

O assassinato de George Floyd e a revelação de que o nosso mundo não superou o racismo significa que as questões do racismo são agora levadas mais a sério do que nunca. De repente, as pessoas apercebem-se de que têm de trabalhar com igrejas da diásporas e líderes que anteriormente tinham ignorado, ou prestar mais atenção ao que dizem. Digamos simplesmente que a questão da justiça racial é obrigatória para as igrejas. Já não pode ser ignorada nem separada da missão.¹³⁷

Este relatório defende, fortemente, uma maior colaboração entre as igrejas nativas e da diáspora na Europa. Para que isso aconteça, devem ser feitos mais esforços para construir uma compreensão mútua. Como Stefan Paas observou:

A ausência de compreensão mútua é profunda. Curiosamente, esta lacuna é interpretada de diferentes maneiras. Os europeus, cristãos e não-cristãos, tendem a interpretar esta lacuna em termos de cultura. Os africanos, no entanto, negam geralmente que a cultura seja o problema. A verdadeira causa dessa lacuna, segundo os africanos, não é a cultura, mas sim a alienação social

¹³⁴ European Evangelical Alliance <https://www.europeanea.org/>; Lausanne Europe <https://www.lausanneeurope.org/>

¹³⁵ Walls (1988), *The Missionary Movement in Christian History*, Orbis: Maryknoll

¹³⁶ Vlasin (2021), comunicação pessoal

¹³⁷ Olofinjana (2021), comunicação pessoal

e racial. O racismo é um mal que a maioria dos cristãos imigrantes enfrenta quase todos os dias, de formas subtis ou menos subtis.¹³⁸

A Covid-19 revelou a necessidade de uma teologia mais forte do sofrimento no nosso discipulado. Não será esta uma oportunidade de aprender com os nossos irmãos e irmãs no mundo maioritário e a sua experiência de sofrimento histórico e contemporâneo? Como diz Olofinjana, “este útil modelo de sofrimento é um ingrediente essencial nos modelos ocidentais de descolonização do discipulado e da missão.”¹³⁹

Se acreditamos verdadeiramente na missão de Deus, e que Ele redistribuiu o seu povo para a reevangelização da Europa, uma tarefa essencial da missão na Europa de hoje é construir pontes de entendimento e colaboração entre as divisões nacionais, denominacionais e raciais.

3.4 Porquê? Missão reorientada

A primeira cláusula do Compromisso de Lausanne da Cidade do Cabo deixa claro que a missão é uma expressão do amor de Deus:

A missão de Deus flui do amor de Deus. A missão do povo de Deus flui do nosso amor por Deus e por tudo o que Ele ama. A evangelização do mundo é o escoamento do amor de Deus por nós e através de nós. Afirmamos a primazia da graça divina, e depois respondemos-lhe pela fé, demonstrada através da obediência do amor. Amamos porque Deus nos amou primeiro e enviou o seu Filho para ser a propiciação pelos nossos pecados.¹⁴⁰

A missão começa no amor de Deus, o amor que Ele tem por toda a Sua criação e pelas Suas criaturas. Se amamos a Deus, a missão faz parte da nossa resposta a esse amor, à medida que participamos no Seu amor pelo mundo. Missão não é, principalmente, “o que fazemos”, mas “porque o fazemos”, e o porquê da missão é o amor. A motivação do amor é o que faz da missão uma *missão*, pois só então podemos dizer que é a participação na missão de Deus.

Infelizmente, como muitos perceberam recentemente,¹⁴¹ a linguagem da missão ainda se inspira fortemente em conceitos da era colonial e no pensamento influenciado pelo Iluminismo. Não é apenas que termos como “campos” ou “mobilização” sejam anacrónicos ou mesmo militaristas. Eles também nos impedem de tirar o máximo partido da nova realidade. Faz sentido falar de “mobilização” quando a maioria dos participantes na missão de Deus já lá está? Podemos falar significativamente de um “campo” geográfico no qual operamos estrategicamente e que desejamos controlar, quando outros já estão a trabalhar e a colher?

Os nossos conceitos de missão também devem muito à Revolução Industrial, com o seu foco no planeamento, sistematização, metas, objetivos, estratégias e resultados mensuráveis. Esta linguagem pode ser eficaz para motivar os cristãos a ofertar, mesmo na mobilização dos trabalhadores, mas será que se enquadra realmente num conceito de missão como “unir-se ao trabalho do Espírito”?¹⁴² Faríamos bem em recordar, como já disse noutro lugar, que:

O Espírito de Deus não está sujeito ao controlo humano. Como o próprio Jesus disse, “o vento sopra onde quer” (João 3:8). E o movimento missional do Espírito não é exceção. É imprevisível. Não está sujeito a análise estratégica.¹⁴³

¹³⁸ Paas (2015), Mission from Anywhere to Europe, *Mission Studies*, 32 (2015), 15, https://ft.vu.nl/en/Images/Mission_from_Anywhere_to_Europe_%28proof%29_tcm239-597271.pdf, Consultado a 22/6/2021

¹³⁹ Olofinjana (2020), Decolonizing Mission, *Lausanne Global Analysis* vol.9 Issue 5, 9/2020, <https://lausanne.org/content/lga/2020-09/decolonizing-mission#post-177392-endnote-2>, Consultado a 21/6/2021

¹⁴⁰ Lausanne Movement, Cape Town Commitment, Part I Section I, <https://lausanne.org/content/ctcommitment>, Consultado a 21/6/2021

¹⁴¹ Smith (2003), *Mission after Christendom*, DLT: London; Matenga and Gold (2016), *Mission in Motion*, William Carey Library: Pasadena; Stroope (2017), *Transcending Mission*, Apollos: London

¹⁴² Kim (2010), *Joining in with the Spirit: Connecting World Church and Local Mission*, SCM Press: London

¹⁴³ Memory (2016), “Movements of the Spirit: Church Planting and the Church in Mission” in Eckstrom (ed.) *The Church in Mission*, William Carey: Pasadena, 164

Há tanto do que Deus faz que escapa ao nosso controlo e ao nosso planeamento. Não podemos medir o “sucesso” implementando o planeamento estratégico, encontrando recursos ou mobilizando mais trabalhadores. Evidentemente, precisamos de planos, metas e objetivos. Paulo tinha planos e Jesus também. Sabemos que Deus também tem planos para o Seu povo, trabalhando em última análise para um propósito e objetivo para toda a criação (Jeremias 29:11; Efésios 1; Colossenses 1, etc.) O desafio é planejar de uma maneira humilde e flexível que esteja sempre atenta à voz do Espírito para nos guiar. O sonho de Paulo sobre o homem da Macedónia em Atos 16 é uma lembrança para todos nós que trabalhamos na Europa de quem realmente está no controlo.

Talvez tenha chegado o momento de deixarmos de tentar motivar as pessoas a envolverem-se em missões com base em resultados, objetivos e sucesso, e tentar motivá-las na base do amor. Desde o século XVIII, o movimento das missões modernas tem motivado o evangelismo com base na Grande Comissão em Mateus 28:19-20. Na era do Cristianismo Mundial, não será tempo de reorientar a missão em termos do que Jay Matenga¹⁴⁴ chama o Grande Compromisso em João 17:18-20? Jesus ora ao Pai e diz: “Eu envio-os para o mundo, como tu me enviaste também”. O que significaria para a nossa compreensão e prática da missão na Europa se ela fosse reorientada para uma motivação de amor, com a sua origem na mutualidade amorosa entre Pai, Filho e Espírito?

Impacto da Covid-19

A pandemia revelou a fraqueza fundamental da estratégia missionária ocidental: ela só funciona quando não estamos em crise. Em momentos como este, faríamos bem em ouvir vozes do mundo maioritário, tais como Jehu Hanciles:

Fundamentalmente, os fatores e considerações que enquadraram o movimento missionário ocidental — incluindo o conceito de cristandade, a expansão imperial, o domínio político e económico e a supremacia tecnológica — estão fortemente ausentes do movimento emergente não-ocidental. Onde certezas iluministas (incluindo a relevância universal das ideias e ideais ocidentais), triunfalismo militarista, e uma ênfase bastante secular nos meios e cálculos humanos enquadraram o movimento ocidental, é a experiência do domínio colonial, da marginalização e de uma visão de mundo intensamente espiritual que fornecerá os elementos definidores do movimento não-ocidental. . . A ênfase do Novo Testamento nas coisas fracas do mundo (1 Coríntios 1:27) irá informar o pensamento e a perspectiva dos missionários não-ocidentais.¹⁴⁵

Não sabemos como será o mundo depois da Covid-19. Ninguém sabe. Então, como podemos fazer planeamento estratégico? Bem, talvez seja altura de nos libertarmos dos nossos deuses seculares e aprender com os nossos irmãos e irmãs do mundo maioritário sobre como avançar no meio da perturbação. Como diz Nussbaum,

A mentalidade da cristandade assume que estamos a manter o poder e que podemos viver toda a nossa vida em modo de planeamento. Da próxima vez que desejarmos que os nossos parceiros “mais fracos” sejam melhores no planeamento e implementação, lembremo-nos que somos tão aleijados culturalmente como eles são no planeamento.¹⁴⁶

Os contornos do novo paradigma de missão ainda estão a ser moldados, mas os desenvolvimentos recentes e o impacto da Covid-19 sugerem que estão em curso as seguintes mudanças:

1. A missão está a ser redefinida como *missio Dei*, a missão de Deus, na qual participam os discípulos e as comunidades que dão testemunho de Jesus.
2. A missão está a ser relocada para o nível local e indígena.
3. A missão está a ser redistribuída como uma tarefa partilhada da comunidade que é o povo de Deus.
4. A missão está a ser reorientada para uma motivação de amor, não para estratégias de sucesso.

¹⁴⁴ Matenga (2021), Kotahitanga and Koinonia, *International Review of Mission*, Issue 110.1 (412), 5/2021, https://jaymatenga.com/pdfs/MatengaJ_KotahitangaKoinonia.pdf, Consultado a 24/6/2021

¹⁴⁵ Hanciles (2008), *Beyond Christendom*, Orbis: Maryknoll, 289-390

¹⁴⁶ Nussbaum (2020), Gethsemane and Beyond: Mission Disruption as Mission Advancement, *Global Missiology*, Vol.3, No.17, 4/2020 <http://ojs.globalmissiology.org/index.php/english/article/view/2327>, Consultado a 22/6/2021

4

Implicações para a missão na Europa

Vou agora delinear as implicações destas tendências para a missão na Europa. Quando os líderes cristãos falam dos grandes desafios do mundo de hoje, é frequente mencionarem os descendentes de Issacar, “pessoas de muita experiência, que sabiam bem o que Israel devia fazer.” (1 Crónicas 12:33). Está para além do âmbito deste relatório refletir sobre a exegese desta passagem e a sua aplicabilidade a um contexto europeu, mas eu gostaria de fazer uma observação. Mesmo no tempo de David, o discernimento do contexto exigia mais do que uma pessoa. Quase podemos imaginar os “descendentes de Issacar” a juntarem-se para discutir o que viam, debater o que significava, orar a Deus por discernimento e depois decidir por consenso que conselho deveriam dar sobre o curso de ação de Israel. Apresento este relatório dentro desse mesmo espírito, não como a palavra final sobre o estado missiológico da Europa, mas como um contributo para a conversa. Baseou-se numa vasta gama de fontes e tem beneficiado muito com o pensamento missiológico de outros.

Como não conheço o contexto do leitor, limitei-me a consequências amplas e gerais. As consequências para a sua igreja, organização, situação, serão mais específicas e talvez únicas, pelo que terá de fazer algumas reflexões por si próprio. Este último capítulo não é o fim deste assunto, mas sim o ponto em que se começa a agir. Ao lê-lo, pense em questões que o ajudarão e a outros a refletir mais profundamente sobre estas implicações.

Também o encorajo a utilizar estes pontos como foco para as suas orações. No final da Introdução, citei parte do Salmo 97: “As montanhas derretem-se como cera, na presença do SENHOR que domina toda a terra” (Salmo 97:5). Só o Senhor pode fazer essas “montanhas” derreter, mas pode. Ele pode e vai fazê-lo. Trabalhem e orem por isto todos os dias, pois sabemos como termina esta história: com o Senhor no Seu trono:

Chegou o reino do mundo,
o de nosso Senhor e do seu Messias
que há de reinar por todo o sempre!
Apocalipse 11:15b

4.1 Implicações do contexto político

O ressurgimento do nacionalismo representa um desafio particular para as igrejas e agências missionárias europeias. Muitos nacionalistas, especialmente os da variedade populista, apresentam-se como defensores da cultura tradicional, do património e dos valores cristãos. Alegam defender a sua nação cristã contra a imposição de valores sociais liberais, multiculturalismo ou islamismo. Para os cristãos que lamentam a perda da cristandade, esta mensagem é muito apelativa. O triste facto é que alguns evangélicos, por esta mesma razão, juntaram-se às fileiras dos nacionalistas e partidos políticos de extrema-direita.

Os cristãos europeus de hoje precisam de ser lembrados do perigo de embrulhar a cruz numa bandeira. As igrejas devem reconquistar a sua voz profética para falar corajosamente não só contra o racismo, mas também contra as formas mais insidiosas de preconceito contra o outro que estão associadas ao nacionalismo. A igreja é chamada a ser uma comunidade para nós e uns para os outros, uma comunidade fiel à sua identidade fundamental, não em nação, mas em Cristo, pois “Não há diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homem e mulher. Agora constituem um todo em união com Cristo Jesus” (Gálatas 3:28).

Ao mesmo tempo, não devemos ser ingénuos em relação à agenda política progressista da esquerda. Também cria ídolos de “tolerância” e “liberdade”. Segundo Julia Doxat-Purser do EEA, “há um número crescente de casos em que, para não ofender os direitos dos membros da comunidade LGBT+, lhes é dada prioridade sobre

a liberdade de consciência dos cristãos.”¹⁴⁷ A Europa precisa de cristãos que participem no fórum público e que tenham formação em teologia pública para estarem prontos. Os líderes da igreja deveriam instar os cristãos a pensar mais e a orar mais pelo ambiente político em que vivemos.

Em termos mais práticos, restrições mais apertadas à circulação associadas com o Brexit e a Covid-19 colocam desafios específicos. Os paradigmas estabelecidos para o envio de trabalhadores cristãos transnacionais de fora da UE podem já não ser viáveis. Haverá, quase de certeza, burocracia e despesas adicionais. A mobilização missionária a curto prazo pode ser um desafio particular. Mais positivamente, isto pode encorajar as agências missionárias a afastarem-se do velho paradigma e a mobilizarem e apoiarem mais trabalhadores de primeira cultura (nacionais do país em que trabalham), embora a verdadeira colaboração exija um modelo diferente para a parte que fornece os fundos e para a outra, o pessoal.

4.2 Implicações do contexto económico

As igrejas e agências missionárias em toda a Europa têm respondido aos desafios económicos dos últimos dez anos através de numerosas iniciativas sociais. No entanto, se a dívida e a Covid-19 precipitarem outra recessão global, ela terá um impacto tremendo nas igrejas e na mobilização de missões internacionais. Como Eddie Arthur observou, muitas igrejas sentem-se sobrecarregadas com os constantes pedidos de apoio das agências missionárias.¹⁴⁸ Podem estar a colocar a sua própria sobrevivência financeira à frente do seu apoio às missões. A doação para missões depende, em certa medida, da prosperidade económica, e podemos ter de repensar urgentemente o modelo para apoiar monetariamente muitos missionários e projetos missionários. A criação de emprego e a formação empresarial podem ter de tornar-se parte da formação necessária dos futuros trabalhadores para a missão cristã na Europa.

Mais genericamente, “Missão Redefinida” exige que situemos os Negócios como Missão, criação de riqueza e trabalho em geral como parte da Missão de Deus. Como diz Dallas Willard, “o negócio é, principalmente, um motor principal do amor de Deus na história humana.”¹⁴⁹ Isto também faz parte de trazer o evangelho para a praça pública, para que possamos abordar as urgentes necessidades sociais, económicas, ambientais e espirituais da sociedade através do trabalho e dos negócios. Os Negócios como Missão podem tornar-se uma das principais formas dos cristãos darem esperança aos europeus de amanhã.

A pandemia recordou-nos a importância das coisas simples. Se a recessão estiver mesmo ao virar da esquina, a simplicidade e a sustentabilidade serão valores-chave nos próximos anos. Igrejas, organizações e agências missionárias fariam bem em reavaliar as lições aprendidas ao longo do ano passado e tentar repensar as suas operações de uma maneira mais simples, mais sustentável e relacional.

4.3 Implicações do contexto social

A migração representa enormes desafios e oportunidades para as igrejas e agências missionárias europeias. Algumas das questões serão discutidas mais detalhadamente a seguir (4.7 e 4.8), mas o impacto da migração na sociedade europeia não pode ser sobrestimado. A nova edição de *Mapping Migration, Mapping Churches' Responses in Europe*, de Jackson e Passarelli, é um contributo importante para a nossa compreensão da

¹⁴⁷ Doxat-Purser, Freedom of Religion or Belief – An Introduction, Lausanne Europe Conversation, 2/2021, <https://www.lausanneeurope.org/freedom-of-religion-or-belief-an-introduction/>, Consultado a 24/6/2021. Para uma análise mais detalhada de como os movimentos populistas estão a mudar o panorama da política europeia e o perigo da sua atratividade para os cristãos, ver Kerr (Ed.), *Is God a Populist? Christianity, Populism and the Future of Europe*, Frekk Forlag: Oslo, 2019

¹⁴⁸ Arthur (2020), *The Way Forward*, 38

¹⁴⁹ Business as Mission, What is Business as Mission? <https://businessasmission.com/get-started/> Consultado a 24/6/2021

migração e da igreja na Europa.¹⁵⁰ A face do cristianismo europeu está a mudar. A próxima geração europeia será a mais etnicamente diversificada na história do continente.

Atingir o número crescente de europeus em envelhecimento é um dos maiores desafios para a missão na Europa de hoje. Deus trouxe milhões de cristãos do mundo maioritário para a Europa, muitos dos quais encontram trabalho a cuidar dos nossos idosos. Não deveríamos pensar mais profundamente em como estabelecer parcerias com igrejas da diáspora para as apoiar nesta fronteira de missão? Muitas delas têm oportunidades diárias de falar e de manifestar na prática o seu amor por Jesus.

Em termos mais gerais, à medida que a Europa enfrenta crescentes tensões intergeracionais, a igreja pode ser um dos poucos lugares onde as pessoas encontram uma comunidade verdadeiramente intergeracional e internacional. Por si só, isto poderia ser uma demonstração poderosa da verdade do evangelho. Contudo, muitas igrejas adotaram um modelo de igreja industrial, compartimentada, com silos de ministério infantil, igreja para jovens adultos, igreja para idosos, e isto vai contra este sentido de família intergeracional. Discipulado saudável não é apenas discipulado em todas as áreas da minha vida, mas também para a minha vida em geral, e para isso preciso de estar em relação com todas as gerações da família de Deus.

O número crescente de pessoas que se identificam como LGBTQ+ não pode ser ignorado. Glynn Harrison, Professor Emérito de Psiquiatria na Universidade de Bristol, e autor de *A Better Story: God, Sex and Human Flourishing*¹⁵¹, comentou recentemente:

Uma possibilidade é que estamos a assistir a um aumento real da taxa de atração do mesmo sexo no contexto das mudanças culturais provocadas pela revolução sexual. Outra é que as pessoas são agora simplesmente mais honestas acerca dos seus sentimentos. Mas também é verdade que os jovens de hoje têm uma tendência maior a usar etiquetas de identidade que estejam na moda e que lhes permitam sentirem-se “fixes” e integrarem-se. É difícil de saber, mas suspeito que os três fatores desempenham um papel. A ideia central é que as nossas atrações sexuais humanas parecem ser muito mais fluídas do que pensávamos, e que mudanças culturais e sociais poderosas estejam a influenciar os padrões de autoidentificação.¹⁵²

Olof Edsinger, um teólogo sueco, observa que a filosofia pós-moderna tem alimentado o ceticismo acerca do conceito binário de género, “que alimenta a noção de que o nosso género biológico é um problema a ser superado, não um elemento que nos permite construir a nossa própria identidade.”¹⁵³ Numa altura em que a orientação sexual se tornou um dos rótulos de identidade mais importantes de tudo o que é acessível, as igrejas precisam de refletir profundamente sobre estas questões. Precisamos de ensinar uma teologia do corpo que demonstre “que o evangelho é boas notícias para o nosso lado físico.”¹⁵⁴ Entretanto, talvez mais importante, precisamos de nos lembrar do amor que Jesus tinha por aqueles que estavam quebrados. É preciso lembrar que um dos primeiros não-judeus alcançados pelo evangelho foi o eunuco etíope (Atos 8). Os transexuais pensam na igreja como um lugar onde serão julgados e rejeitados. Como podemos acolher com amor e graciosamente os transexuais nos nossos círculos (acompanhar o carro, como em Atos 8:29), enquanto ensinamos sem hesitações uma teologia bíblica do corpo e da sexualidade? Este é um dos principais desafios para a igreja na Europa neste momento.

4.4 Implicações do contexto ambiental

Se a missão nasce do amor de Deus pela Sua criação, o cuidado com ela deve estar no centro da mensagem cristã. Não devemos esquecer que o propósito último de Deus é reconciliar “tudo o que existe” em Cristo

¹⁵⁰ Jackson and Passarelli (2021), *Mapping Migration, Mapping Churches Responses in Europe*, 3rd. Ed., CCME-WCC: Geneva, <https://www.oikoumene.org/resources/publications/mapping-migration-mapping-churches-responses-in-europe> Consultado a 25/6/2021

¹⁵¹ Harrison (2017) *A Better Story: God, Sex and Human Flourishing*, IVP: London

¹⁵² Evangelical Focus, Why are so many Gen Z self-identifying as LGBTQ?, 17th March 2021, <https://evangelicalfocus.com/life-tech/10673/why-are-so-many-gen-z-self-identifying-as-lgbt>, Consultado a 13/4/2021

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ Allberry (2021), *What God has to say about our bodies: How the gospel is good news for our physical selves*, Crossway: Wheaton

(Colossenses 1:15-20). Alguns setores da igreja desenvolveram a sua teologia de missão para incorporar este fator. A Comunhão Anglicana é um exemplo disso, como vemos na sua formulação das Cinco Marcas da Missão.¹⁵⁵

As Cinco Marcas da Missão:

A missão da Igreja é a missão de Cristo

1. Para proclamar as boas novas do Reino.
2. Para ensinar, batizar e nutrir novos crentes.
3. Para responder às necessidades humanas através do serviço amoroso.
4. Transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar todo o tipo de violência e buscar a paz e a reconciliação.
5. Esforçar-se para salvaguardar a integridade da Criação, e sustentar e renovar a vida da Terra.

Infelizmente, alguns evangélicos ainda olham com apreensão para as preocupações ecológicas. No entanto, a geração mais jovem entende-as como uma área essencial. Uma pesquisa da Tearfund e Youthscape no Reino Unido descobriu que 92% dos adolescentes cristãos está “preocupado” ou “um pouco preocupado” com as alterações climáticas, e 84% concorda que “é importante que os cristãos façam algo sobre isso”.¹⁵⁶ O relatório concluiu: “Os adolescentes cristãos querem que a Igreja aja com maior urgência, e que os apoie a fazer coisas sobre o clima. Se a Igreja não seguir o exemplo dos seus jovens líderes, há a possibilidade de os perder.”

O que não fizemos por preocupação ambiental, foi-nos agora imposto pela Covid-19. Aprendemos a fazer muitas coisas virtualmente e poupámos dinheiro ao não viajar, reduzindo assim nossa pegada de carbono. Não percamos esta oportunidade de repensar a forma como fazemos a igreja, conferências e formação. Se o impacto das alterações climáticas na vida do ministério na Europa for como previsto, então as preocupações e iniciativas ambientais passarão da margem para a corrente dominante da missão na Europa à medida que o século avança.

4.5 Implicações do contexto tecnológico

A revolução digital oferece oportunidades para a missão cristã, e devemos encorajar aqueles que trabalham com a tecnologia da informação a ajudar a igreja a ser mais criativa nesse sentido. No entanto, existem também alguns desafios significativos, entre os quais o desafio epistemológico fundamental detalhado neste relatório: como expor a verdade do evangelho aos europeus que correm o risco de ser enganados digitalmente? Não será tempo de assegurar os instrumentos básicos da teologia digital?

Destaquei também o impacto destas novas tecnologias no mundo do trabalho, com uma geração principalmente mais jovem presa a um emprego precário. O que significa “anunciar a boa nova do reino” ao precariado? E quanto ao impacto das redes sociais na saúde mental dos jovens de hoje? Será que as nossas igrejas estão a pregar e a ensinar sobre isso? Os nossos jovens estão a ser discipulados pelos seus telemóveis. Como podemos ajudá-los a navegar neste novo mundo?

Podemos tirar partido da atualização tecnológica que resultou da Covid-19, mas temos também de reconhecer as desvantagens dos encontros virtuais e do trabalho virtual. O que aprendemos este ano sobre a construção de comunidades que podemos aplicar a partir de agora?

¹⁵⁵ Anglican Communion, Marks of Mission <https://www.anglicancommunion.org/mission/marks-of-mission.aspx> Consultado a 24/6/2021

¹⁵⁶ Youthscape, Burning down the House: How the church could lose young people, 2020, <https://www.youthscape.co.uk/research/burning-down-the-house> Consultado a 25/6/2021

4.6 Implicações da secularização e da dessecularização

A evidência da secularização contínua em muitos países europeus é um desafio para todos nós. No entanto, autores como Kasselstrand¹⁵⁷ observaram que os países mais secularizados não se caracterizam pelo ateísmo abrangente, mas sim pela indiferença à religião. Como eu disse num artigo recente na *Vista*:

Secularidade e irreligião não são a mesma coisa, e isto tem consequências importantes para a missão cristã. A apologética dirigida ao ateísmo atinge apenas uma pequena parte da população europeia. O desafio muito maior é alcançar o enorme número de europeus descrentes que são indiferentes ao Cristianismo e que pensam que a religião não tem qualquer relevância para a vida moderna.¹⁵⁸

Agora que os europeus seculares enfrentam uma pós-pandemia futura e desconhecida, devemos aproveitar ao máximo esta janela de oportunidade para pregar o evangelho da esperança. No entanto, deve ser uma esperança genuína e honesta. Ao longo deste ano, muitos de nós aprenderam algo sobre a importância do lamento e a necessidade de incorporar uma dose muito maior de teologia do sofrimento no nosso discipulado. Como Israel Olofinjana observa, “se os nossos programas e eventos de discipulado não prepararem os cristãos para compreender e viver com sofrimento e sacrifício, eles só seguirão Jesus quando as coisas correrem bem. O resultado será que, quando as coisas ficarem realmente más, eles afastar-se-ão de Deus.”¹⁵⁹

Números e tendências de secularização e dessecularização à parte, nunca devemos perder de vista o poder do discipulado um a um. Cada encontro com outra pessoa é para mim uma oportunidade de transmitir a esperança de Cristo que está em mim, na maioria das vezes, quando partilho a minha vida e o meu sofrimento.

A reevangelização da Europa começa aqui mesmo, com o meu discipulado em Cristo, e com aqueles à minha volta, que procuro encorajar a segui-Lo. Longe de uma escatologia de desespero, estes são tempos para sermos fiéis na esperança e na expectativa dos sinais da ressurreição e do renascimento na Europa de hoje.

4.7 Implicações da expansão do Islão

A crescente população de muçulmanos na Europa sugere que a formação sobre como nos relacionarmos com os muçulmanos deve ser tornada tão acessível quanto possível. Não podemos simplesmente confiar em especialistas. Reconhecendo que este é um “momento transformador” para muitos muçulmanos, é agora o momento de falar com os muçulmanos que são nossos vizinhos. Como diz Bert de Ruiter:

A presença do Islão na Europa deveria estar no topo da agenda da Igreja europeia. O que acontece à Europa e ao Islão não é algo que a Igreja possa ignorar. Creio que devemos falar sobre o assunto entre nós e com os muçulmanos com atitudes que são influenciadas pela forma como Deus nos trata. O nosso pensamento, atitude e comportamento em relação ao Islão na Europa devem ser guiados pelo amor sacrificial de Deus manifestado na cruz do Gólgota. Sugiro que as igrejas e os cristãos em toda a Europa respondam à presença de muçulmanos neste continente com: a) um coração compassivo; b) uma mente informada; c) uma mão envolvida; d) uma língua que testemunhe.¹⁶⁰

Colin Edwards, especialista em relações cristão-muçulmanas, acredita que a presença de grandes comunidades muçulmanas na Europa põe em causa a presunção secular de que a religião é privada. “O Islão torna a religião

¹⁵⁷ Kasselstrand (2019), Secularity and Irreligion in Cross-National Context: A Non-Linear Approach, *Journal for the Scientific Study of Religion*, 58(3):626-642

¹⁵⁸ Memory (2021), Secularity and Irreligion in Europe, *Vista* 38, 5/2021,

<https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/latest-articles/secularity-and-irreligion-in-europe>, Consultado a 19/5/21

¹⁵⁹ Olofinjana (2020), Discipleship in a Context of Suffering and Loss, *Lausanne Europe Conversation*, 11/Nov 2020, <https://www.lausanneeurope.org/discipleship-in-a-context-of-suffering-and-loss/> Consultado a 19/5/21

¹⁶⁰ De Ruiter (2018), Muslims in Europe and the Response of the Church, *Vista* 29, 2/2018, 4

<https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/latest-articles/2018/05/24/muslims-in-europe-and-the-response-of-the-church> Consultado a 12/4/21

pública. Isto irá mudar o teor da sociedade e permitir que o corpo de Cristo seja muito mais público na sua fé do que tem sido no passado”¹⁶¹, sugere.

4.8 Implicações da reevangelização: igrejas da diáspora

Como devem as igrejas europeias reagir ao que por vezes tem sido chamado “o reflexo abençoado”?¹⁶² Os cristãos no mundo maioritário trazem consigo muitos dons para partilhar com os seus irmãos e irmãs na Europa: a sua vibrante espiritualidade, o seu zelo evangelístico e, talvez mais do que qualquer outra coisa, a sua confiança inabalável na obra de Deus. Além disso, a sua teologia reconhece a realidade de poderes espirituais que muitas vezes despertam pouco ou nenhum interesse dentro do pensamento ocidental, o que Paul Hiebert chama “o flagelo dos intermediários excluídos”.¹⁶³ Dado o avanço aparentemente imparável da secularização na Europa, Deus tem ainda bênçãos a conceder às igrejas europeias.

No entanto, os nossos irmãos e irmãs no mundo maioritário também precisam de nós. A maioria das igrejas da diáspora tem dificuldade em evangelizar os europeus. Kwiyani escreve:

Esta é uma área onde as parcerias missionárias entre africanos e europeus poderiam ser de grande ajuda. Os africanos têm um zelo em orar e evangelizar, enquanto os europeus possivelmente têm uma melhor compreensão da lacuna cultural que precisa de ser colmatada para se ligarem às pessoas. Se juntarmos os dois, podemos ter o que precisamos para o cristianismo europeu.¹⁶⁴

Ainda no mês passado, o líder de uma rede de 29 igrejas filipinas por toda a Europa contactou-me para ajudar os seus líderes a saberem como compreender e chegar aos europeus. Agências missionárias transnacionais como a ECM, que têm uma longa experiência na contextualização do seu trabalho para diferentes contextos europeus, podem estar numa posição única para contribuir para a missão de Deus desta forma.

Mais genericamente, as igrejas em todas as cidades e vilas onde existem congregações da diáspora deveriam estender uma mão de comunhão aos seus irmãos e irmãs em África, na América Latina e na Ásia, e com isto quero dizer muito mais do que apenas arrendar os seus edifícios eclesiais para os cultos. Há muitas que já estão a fazer mais do que isto, mas em algumas partes da Europa os líderes das igrejas simplesmente não estão conscientes do potencial de trabalhar com igrejas na diáspora. Para tal, os líderes das igrejas europeias podem ter de admitir o seu racismo inconsciente e a sua atitude colonial.

Finalmente, devemos considerar as implicações disto para a formação dos missionários. Quando eu era estudante no All Nations Christian College no início dos anos 90, o conceito de Hiebert de “os intermediários excluídos” era considerado de importância vital para aqueles que iam como missionários para África, a Ásia e a América Latina. Que conhecimentos do pensamento europeu deveriam ter os líderes das igrejas da diáspora para poderem participar, efetivamente, na missão aos europeus? E, inversamente, que alterações podem ser introduzidas nos currículos dos institutos de formação teológica e missiológica na Europa à luz desta nova realidade do cristianismo mundial no velho continente?

Estaremos dispostos a ouvir e a aprender com os líderes do mundo maioritário ou vamos rejeitar os dons que eles trazem como parte do “reflexo abençoado” do Espírito de Deus?

¹⁶¹ Edwards (2021), comunicação pessoal.

¹⁶² Ross (2003), Blessed Reflex: Mission as God’s Spiral of Renewal, *International Bulletin of Missionary Research* 27, No.4; Kwiyani (2014), *Sent Forth: African Missionary Work in the West*, American Society of Missiology, Maryknoll: Orbis, 70-72

¹⁶³ Hiebert (1982), The Flaw of the Excluded Middle, *Missiology: An International Review*, Vol.10 Issue 1, 35-47, <https://doi.org/10.1177%2F009182968201000103> Consultado a 25/6/2021

¹⁶⁴ Kwiyani (2017), Blessed Reflex: African Christians in Europe, *Missio Africanus*, Vol 3, Issue 1, 2017 p.47 https://decolonisingmission.com/wp-content/uploads/2019/05/Harvey_Kwiyani_Blessed-Reflex-African-Christians-in-Europe.pdf, Consultado a 20/5/21

4.9 Implicações da reevangelização: movimentos de plantação de igrejas

A plantação de igrejas terá um papel essencial à medida que a Europa sai do confinamento da Covid-19. Muitos europeus podem muito bem procurar a segurança do “familiar”, os edifícios da igreja que permanecem um poderoso símbolo de continuidade e normalidade cristã. Muitos outros estarão abertos a novas formas de comunidade cristã, e há algumas provas de “novas expressões” a surgir mesmo nestes tempos difíceis.¹⁶⁵ No entanto, se queremos que estas novas comunidades cristãs façam uma verdadeira diferença, devemos equilibrar a nossa criatividade com a ortodoxia bíblica.

As novas igrejas são muito mais ágeis na adaptação a um contexto em rápida mudança, e podemos agradecer a Deus por, numa altura em que as igrejas parecem estar em declínio, haver plataformas e movimentos de plantação de igrejas prósperas nas cidades e vilas desde Dublin até Dubrovnik. Contudo, precisamos de refletir profundamente sobre as lições que aprendemos ao longo do último ano sobre a essência da comunidade cristã. A Igreja, o trabalho e a vida em geral continuarão a ser realidades híbridas, e estarão presentes digital e fisicamente durante talvez anos vindouros. Uma das prioridades nesta área é ligar as redes de plantação das igrejas europeias e as igrejas da diáspora de tal forma que possam partilhar os dons de Deus entre si, a fim de os aplicar na reevangelização da Europa. Esta é, certamente, uma das coisas que peço a Deus para o próximo *Lausanne Europe Conversation and Gathering: Dynamic Gospel - New Europe*.¹⁶⁶

4.10 Implicações da reevangelização: a próxima geração

Muitos dos reavivamentos ao longo da história têm-se verificado entre os jovens. Mais precisamente, foram conduzidos por eles. A agência missionária com quem trabalho, a European Christian Mission, foi fundada durante uma reunião de oração na Estónia em 1903 por Ganz Raud, que tinha apenas 25 anos de idade.¹⁶⁷ A YWAM, OM, 24/7 Prayer, foram fundadas por pessoas na casa dos 20 e 30 anos. Como Brian Stanley observou, “na Ásia, África e também na América Latina, os fatores-chave da missão encontravam-se frequentemente entre os jovens ou as mulheres.”¹⁶⁸

A geração mais jovem da Europa parece frágil e confusa, e o seu futuro parece incerto. Mas talvez seja precisamente disso que Deus precisa: uma geração mais jovem que esteja disposta a olhar para além da política humana para as respostas ao aspeto da vida abundante. Eles precisam das nossas orações, do nosso encorajamento e da liberdade de usar os seus dons para a glória de Deus. Talvez o leitor tenha reparado que a maioria das comunidades da diáspora na Europa são jovens. A reevangelização da Europa depende desta próxima geração. Temos de os trazer para a liderança.

No entanto, temos de admitir outra dura verdade. Muitas das responsabilidades de liderança das nossas estruturas existentes não são atraentes para a próxima geração. Como Christian Kuhn, diretor da Aliança Evangélica Suíça, diz, “a próxima geração não está interessada em manter estes modelos de governação... [eles] procuram uma liderança participativa, consultiva e autogerida”. Contudo, se conseguirmos canalizar o seu potencial empresarial para missões, “pode tornar-se uma poderosa plataforma de lançamento para a plantação de milhares de igrejas ou para projetos de discipulado.”¹⁶⁹

4.11 Implicações da missão redefinida

As novas definições de missão não alteraram o trabalho fundamental da missão, nomeadamente o testemunho fiel do senhorio de Jesus Cristo sobre todas as coisas ou, como diz o prefácio do Compromisso da Cidade do Cabo, “dar testemunho de Jesus Cristo e de todos os seus ensinamentos, em cada nação, em cada esfera social, e no reino das ideias.”¹⁷⁰

¹⁶⁵ Moynagh (2020) Christian Communities for Every Context, *Lausanne Global Analysis*, Vol.9, Issue 5, 9/2020 <https://lausanne.org/content/lga/2020-09/christian-communities-for-every-context> Consultado a 20/5/21

¹⁶⁶ Lausanne Europe Conversation and Gathering <https://www.lausanneeurope.org/>

¹⁶⁷ Butterworth (2010), *God's Secret Listener*, Monarch: Oxford, 52

¹⁶⁸ Stanley (2013), *The Global Diffusion of Evangelicalism*, IVP Academic: Downers Grove, 91

¹⁶⁹ Kuhn (2021), comunicação pessoal

¹⁷⁰ Lausanne Movement, Our Legacy for the Future, 2010, <https://lausanne.org/gatherings/related/our-legacy-for-the-future> Consultado a 20/5/21

Damos testemunho por palavras mas também por ações, porque a missão moderna na Europa deve ser holística. A participação na missão de Deus engloba a proclamação e a ação social, o cuidado pela criação e a voz profética em prol da justiça. De facto, somos chamados ao discipulado vitalício, rejeitando a dicotomia entre sagrado e secular e abraçando a chamada para viver a nossa fé em todas as esferas da nossa vida quotidiana.

4.12 Implicações da missão realocizada

Durante anos, a missão global foi policêntrica, polidirecional e polifónica. No entanto, foi necessária uma pandemia global para nos abrir os olhos para a realidade de que a missão é principalmente local. Claro, sempre foi. Como Eddie Arthur nos lembra, “na sua maioria têm sido pessoas anónimas, locais, a fazer a parte essencial do evangelismo e discipulado, e não missionários expatriados.”¹⁷¹

A Covid-19 tornou-nos muito mais conscientes da nossa comunidade local e do bairro físico em que vivemos. A missão na nossa área local, na Europa de hoje, significa contextualizar e proclamar a boa nova de Jesus Cristo e formar comunidades cristãs locais, mas também alargar a nossa visão para abraçar os nossos arredores. Como diz Carol Kingston-Smith, “sempre que possível, precisamos de afirmar o local e trabalhar para defender a dignidade e integridade tanto da terra como dos seus habitantes que estão ligados em aliança. Esta é a sabedoria indígena que muitos de nós envolvidos em missões temos negligenciado.”¹⁷²

4.13 Implicações da missão redistribuída

A Europa representa, talvez, o maior desafio do mundo de hoje. A maioria dos europeus parece ter sido imunizada contra o Evangelho com a vacina do Cristianismo cultural. Contudo, acredito que a fraqueza da Igreja é também uma oportunidade para Deus. Mais do que nunca, os cristãos europeus estão a colaborar, a criar redes e a plantar igrejas em conjunto, e Deus acrescentou a isso a vitalidade dos cristãos do mundo maioritário.

A missão é para todo o povo de Deus, homens e mulheres de todos os povos e de todas as gerações. Contudo, a colaboração com as igrejas da diáspora pode exigir uma reavaliação mais fundamental do nosso preconceito inconsciente, se realmente quisermos trabalhar em conjunto. Como diz Harvey Kwiyani, “não podemos verdadeiramente começar a avançar para o que Deus está a fazer a menos que vozes de outras partes do mundo, vozes diferentes das vozes onde sempre ouvimos, se sentem à mesa connosco.”¹⁷³

Ouvir é um desafio. Preferíamos falar e, durante demasiado tempo, a voz dominante nas missões europeias tem sido a dos homens do Norte da Europa de uma determinada época. Essa voz continuará a ser ouvida, mas neste momento os europeus precisam de ouvir vozes da Europa do Sul e do Leste, de mulheres, jovens e líderes das igrejas da diáspora.

Os líderes do sul e do leste europeu têm paradigmas vitais para trazer à nossa compreensão da missão em regiões onde o Cristianismo cultural continua a ter uma enorme influência.¹⁷⁴ As vozes das mulheres estão ausentes de muitas conversas. Como Evi Rodemann explica:

Quando orientamos mulheres ou falamos com mulheres em ministérios de toda a Europa, elas dizem frequentemente que outros não levam a sério as suas vozes, ou que não se sentem ouvidas. Se vierem a uma reunião, ninguém espera que contribuam. Se uma posição de liderança ficar vaga, em muitos casos é escolhido um homem. Não necessariamente porque seja mais qualificado, mas porque é do sexo “certo”.¹⁷⁵

¹⁷¹ Arthur *ibid.*, 10

¹⁷² Kingston-Smith (2020) Hungry for Good News in Pandemic Times, *Lausanne Global Analysis* Vol.9 Issue 5, 9/2020 <https://lausanne.org/content/lga/2020-09/hungry-for-good-news-in-pandemic-times> Consultado a 21/5/21

¹⁷³ Kwiyani (2021), Intercultural Mutuality as Innovation in Missions, On Mission Conference, 10/3/2021

<https://missio-2021-onmission.s3.amazonaws.com/Transcripts/Harvey+Kwiyani+Final.pdf>, Consultado a 18/5/2021

¹⁷⁴ Vlasin (2019), A Romanian Perspective on Mission in Europe, *Vista* 34, 10/2019, 8-9

<https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/s/vista-issue-34-final.pdf> Consultado a 25/6/2021

¹⁷⁵ Rodemann (2019), A Women’s Perspective on Mission in Europe, *Vista* 34, 10/2019, 6-7

<https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/s/vista-issue-34-final.pdf> Consultado a 25/6/2021

Os jovens também têm dificuldade em ser ouvidos, mas a sua compreensão da cultura global e secularizada da juventude será inestimável para fazer avançar a nossa reflexão sobre as missões.¹⁷⁶ Precisamos também de ouvir as vozes dos cristãos no mundo maioritário. Temos de ouvir a sua paixão pelo evangelismo, a sua posição inabalável sobre o aborto, eutanásia, sexualidade e questões de género pelas quais alguns cristãos europeus desistiram de lutar, mas acima de tudo, temos de ouvir o seu desafio sobre o poder da oração. Como diz Kwiyani:

Os reavivamentos acontecem, tenho a certeza disso, mas acontecem por causa da oração. Precisamos de oração quando plantamos igrejas, quando gerimos os nossos bancos de alimentos, quando distribuimos panfletos na rua, quando visitamos doentes no hospital, e quando visitamos os que estão na prisão. Precisamos de oração em tudo o que fazemos.¹⁷⁷

4.14 Implicações da missão reorientada

A Covid-19 mostrou o quanto o nosso paradigma de missão continua a ser dominado por aquilo a que Jay Matenga chama “Valores Industriais”, ideias que são extraídas do Iluminismo e aplicadas a toda a vida, incluindo a missão.¹⁷⁸ Foi o missiólogo peruano Samuel Escobar que alertou para os perigos da “missiologia corporativa” que procurou transformar a missão num processo estratégico previsível e controlável com objetivos mensuráveis e um foco nos resultados.¹⁷⁹ Isto pode motivar algumas igrejas a dar, e algumas pessoas a serem mobilizadas, mas põe fundamentalmente a missão de Deus nas nossas próprias mãos. Não será este momento uma oportunidade de introspeção e reflexão sobre as nossas motivações em missão? Será o amor por Deus e pelo seu mundo realmente a nossa principal motivação?

Crises como a que vivemos têm a capacidade de nos mostrar quem somos e aquilo em que realmente acreditamos. Será que estamos dispostos a deixar que Deus continue a moldar-nos de acordo com o seu propósito, para que o evangelho de Jesus Cristo possa transformar este continente novamente?

4.15 Conclusão geral

Estou convencido de que devemos levar a Europa como um contexto missiológico muito a sério. Foi isto que tentei fazer com este relatório.

De certa forma, o contexto e o tempo em que vivemos são secundários em relação ao trabalho da missão cristã. A nossa missão é “dar testemunho de Jesus Cristo e de todos os seus ensinamentos, em todas as nações, em todas as esferas da sociedade e no reino das ideias.”¹⁸⁰ Paulo exortou Timóteo a pregar “a tempo e fora de tempo” (2 Tim. 4:2). Qualquer que seja o nosso contexto, ou o momento histórico em que vivemos, a missão é a mesma.

O nosso contexto não deve influenciar a nossa motivação para as missões. Há áreas do mundo que são mais recetivas ao evangelho e onde os resultados são mais evidentes. No entanto, como vimos, a motivação para as missões não deve ser o amor pelo sucesso. Fidelidade é a principal medida da eficácia de um servo: “bom e fiel servo” (Mateus 25:23, ARC).

No entanto, a parábola do semeador (Mateus. 13; Marcos 4; Lucas 8) aponta para a importância do solo (o contexto) para a receção da mensagem cristã e a propagação do Reino de Deus. Por essa mesma razão, é por vezes chamada a parábola do solo. Um agricultor sábio evitaria semear entre ervas daninhas, em solo rochoso, ou no caminho, mas não temos o controlo total sobre onde a semente do evangelho aterra. A preparação do

¹⁷⁶ Greenwood (2019), The Spiritual Hunger of a Secularised European Youth Culture, *Vista* 34, 10/2019, 4-5 <https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/s/vista-issue-34-final.pdf> Consultado a 25/6/2021

¹⁷⁷ Kwiyani (2019), Rethinking Mission in Europe: An African Contribution, *Vista* 34, 10/2019, 11-12 <https://www.europeanmission.redcliffe.ac.uk/s/vista-issue-34-final.pdf> Consultado a 25/6/2021

¹⁷⁸ Matenga (2021), Centring The Local: The Indigenous Future of Mission, WEAMC, 1/2021, https://jaymatenga.com/pdfs/MatengaJ_CentringLocal.pdf Consultado a 21/5/21

¹⁷⁹ Escobar (1991), Three approaches to world evangelization stand in tension with one another, *Transformation* 8 (4):7-13, <https://doi.org/10.1177%2F026537889100800409>, Consultado a 22/6/2021

¹⁸⁰ Lausanne Movement (2010), *ibid*

coração é o domínio do Espírito, e isso aponta novamente para a importância da oração. O ponto principal da parábola, contudo, é o poder do evangelho no coração receptivo. As seguintes parábolas do semeador e do grão de mostarda (no caso do evangelho de Marcos) deixam clara a ideia. Embora quase invisível no início, a semente do Reino cresce irresistivelmente.

Embora a terra da Europa possa parecer, atualmente, estéril e imperdoável, a semente do Reino está a ser semeada, e dará frutos. A nossa tarefa é semear. A nossa motivação é o nosso amor por Deus e pelo seu mundo. O nosso campo é a Europa. Portanto, “[n]ão nos cansemos de praticar o bem pois, se não desanimarmos, teremos a colheita no tempo devido” (Gálatas 6:9).

Jim Memory é o Diretor Regional da Europa no Movimento Lausanne, membro da Equipa Internacional de Liderança da ECM (*European Christian Mission*) e Professor de Missões na Europa no Reino Unido (*All Nations Christian College*). É também um dos editores fundadores da *Vista*, uma revista de investigação sobre missões na Europa. O seu relatório, "Europa 2021", encontra-se publicado em inglês, francês, alemão, eslovaco, espanhol e português.



www.ecmi.org

Jim Memory is a member of the International Leadership Team of the European Christian Mission. He is lecturer in European Mission at All Nations Christian College (UK) and co-editor of Vista, a journal of research-based information on mission in Europe. He is also part of the planning team of Lausanne Europe 20/21 - Dynamic Gospel: New Europe.